

HISTÓRIAS PARA LER E MORRER DE MEDO

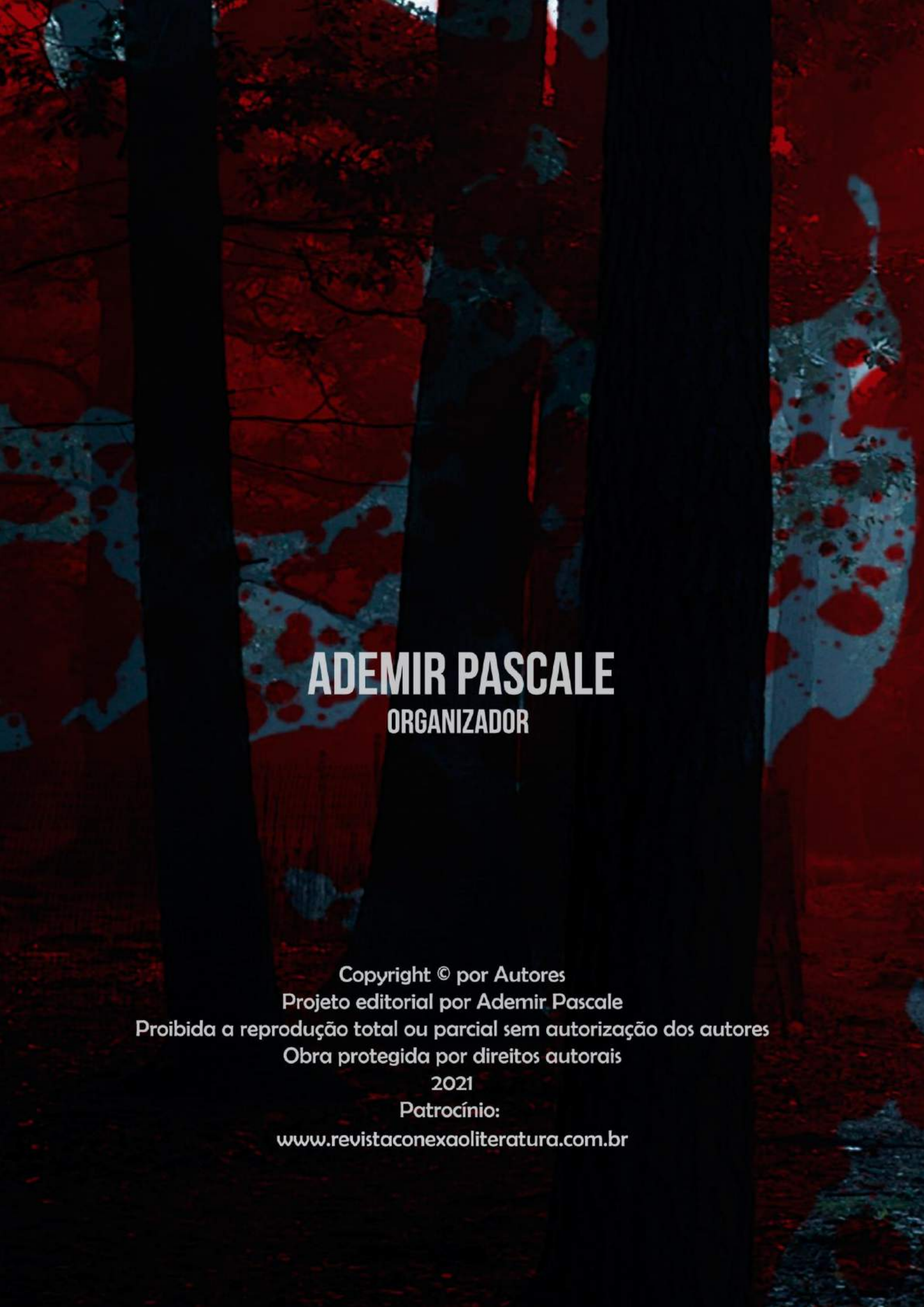
CONTOS E POEMAS
DE TERROR

VOLUME V



ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
2021
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS OU POEMAS

- O portal 666, por Cecília Torres, pág. 05
Clara, por Cleber Gimenez Freitas e Erica Ribeiro de Almeida, pág. 10
Carlos Gomes, por Denis Leandro Carvalho Fioravante, pág. 15
Marisol, por Nelly, pág. 20
O Rio da Pedra, por Nelly, pág. 22
Ursinho de pelúcia e sangue, por Fran Pigosso, pág. 24
Por todo lado o lago, por Hélio Sena, pág. 30
Velho fantasma, por Idicampos, pág. 35
Pelos pecados do pai, por Luiz F. Haiml, pág. 38
A segunda aliança, por Luiz F. Haiml, pág. 43
A suspensão da descrença, por Maikon Barboza, pág. 50
O grito do Mapinguari, por Ney Alencar, pág. 58
O pescador de homens, por Ney Alencar, pág. 66
Honra, por Paulo de Barros Gabriel, pág. 72
Carcaça de sentimentos, por Pedro Gustavo Januário, pág. 78
Zunido no ouvido, por Roberto Minadeo, pág. 84
O poço, por Roberto Schima, pág. 90
O vento que soprava no vale, por Cida Simka e Sérgio Simka, pág. 97
O mistério de Baztan, por Sidnei da Fontoura Rodrigues, pág. 102
Conheça outros títulos da coleção, pág. 108

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura.com.br

www.facebook.com/conexaoliteratura





“Henrico retorna o olhar para o céu e aquele amontoado negro está mais próximo. São corvos. Centenas, milhares deles. O som que ecoam é ensurdecedor. Fecha a janela e corre até a porta. Trancada. O som dos corvos fica mais alto, mais alto, mais alto. Coloca as mãos sobre os ouvidos e de repente os pássaros se chocam com força contra a janela. Sangue e rachaduras. Eles continuam se arremessando até o vidro explodir em milhares de pedaços. Os corvos invadem o quarto. Alguns já caem mortos. Os olhos aterradores de Henrico e um grito que ecoa do fundo da garganta:

— Nãaaooooooooooooooooo!”

Trecho do livro *O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe* — Ademir Pascale

A person wearing a black hoodie and dark pants stands in a dark, wooded area. They are holding a chainsaw. The scene is heavily splattered with red blood, with large, irregular stains on the ground and trees. The background is a dense forest of thin trees, some with bare branches, under a dim, blueish light. The overall atmosphere is dark and ominous.

APRESENTAMOS O CONTO

O PORTAL 666

Por Cecília Torres

Sobre a autora: Cecília Torres Nogueira nasceu em 15/06/1965 na cidade de São Paulo, capital. Professora de português e inglês, pós-graduada em Literatura e Língua Portuguesa pela Unip pós em Docência do ensino superior pela Dom Bosco e Gestão escolar pela Faveni, possui incontáveis publicações de contos e poesias pela editora Andross e pela editora Illuminare entre outras editoras e publicações na revista Conexão Literatura.

“Se você que é conhecedor da mais pura alquimia sabe que precisará passar por uma iniciação para poder praticar alguns rituais; até mesmo ao abrir um livro perdido, um livro que passou por vários guardiões num passado distante. Todo cuidado é pouco. Este livro existiu e ainda existe. Ele está perdido ou escondido quem sabe por entre o meio de outros livros, quem sabe será ainda o escolhido a abri-lo e não lhe restará outra escolha; em qual força será obrigado a manipular: As trevas? A luz?

Fique alerta, pois as escrituras não se apagaram com o tempo; este livro foi concebido e escrito através do fogo oriundo das profundezas e sua alma poderá ser aprisionada para dentro dele e você de um inocente e ingênuo leitor será o algoz de todo o mal que permeia à sua volta...”

Era tarde da noite e o frio já fazia as pessoas se recolherem mais cedo. Marianne atravessava a alameda deserta em busca de uma padaria; precisava comprar um lanche e um café bem quentinho para passar a noite acordada. Estava defendendo sua tese de Mestrado. A “padoca” era grande e ficava aberta até mais tarde, já estava acostumada a ir todas as noites pedir seu tradicional misto quente e um copo para viagem. O atendente já nem perguntava se ela iria querer comer no balcão, prontamente embalava pra viagem.

Possuía graduação em Filosofia e pós-graduação em “História da Humanidade”, agora buscava mais informações sobre sua tese de mestrado: “A origem do homem”, como a nossa história da humanidade de 2,5 milhões anos atrás, por curiosidade e fascínio sobre esse elo desconhecido ela procurava defender a ideia de que o homem de hoje teve sua origem poligenética em diferentes formas de reprodução e quem sabe até um ancestral alienígena.

Marianne escolheu uns livros numa Biblioteca pública e outro comprou numa loja de sebo no centro de São Paulo. Todos os livros eram fascinantes e curiosos, apontavam histórias longas e precisas sobre o domínio dos povos, conquistas de terras, as línguas impostas, seres mitológicos, as crenças antigas, línguas e dialetos, sânscritos e tantas novas e fabulosas informações que ajudariam em seus argumentos na sua mais nova tese; muita teoria, porém seu fascínio foi declinando porque o homem não é merecedor de tanta sabedoria. Por que todo aquele universo de palavras e conhecimentos ali preso sem ser revelado, sem mesmo poder ter sido lido numa escola? Quando as crianças poderiam viajar em tantas historias fantásticas como aquelas?

Tomava mais um gole de capuccino para se manter alerta e fazer as anotações necessárias para sua defesa. Era um abrir e fechar de páginas e procuras, até que leu um assunto que lhe chamou a atenção:

As “Estâncias de Dzyan” (tese ou dogmas de Dzyan) postulam o seguinte em relação à origem do homem: “Uma origem poligenética”; “Diferentes formas de reprodução”; “Uma evolução animal referente aos mamíferos”.

“Que seguiu a dos homens, em lugar de precedê-la, tal e como postula nossa ciência moderna...”.

Tomou nota mais uma vez e continuou a leitura, a luz fraca do quarto tremulava. Lançou mão de uma luminária de mesa para poder enxergar melhor, seguiu outro trecho importante grifando:

“... quando chegar o tempo para o impulso do século XX... (se) encontrará uma grande comunidade unida de homens que estarão preparados para dar as boas-vindas aos novos portadores das tochas da verdade... Encontrará a mente do homem capacitada para receber sua mensagem, e uma forma de expressão apropriada, na qual ele poderá vestir a nova verdade que deve trazer, assim como uma Organização que esperará sua chegada e que poderá varrer os obstáculos e dificuldades puramente materiais e mecânicos de seu caminho. Calcule-se quanto poderá alcançar aquele, a quem lhe tenha sido dadas tão favoráveis possibilidades...”.

“Tampouco, depois de tudo, é necessário que ninguém creia nas Ciências Ocultas e nos Ensinos Antigos, antes que saiba algo de sua própria Alma ou sequer nela creia. Nenhuma grande verdade foi jamais aceita à priori, e geralmente transcorreu um século ou dois antes que tenha começado a vislumbrar-se na consciência humana como uma verdade possível (...). As verdades de hoje são as falsidades e enganosa de ontem, e vice-versa. Só no século XX algumas partes, ou todo conjunto da obra presente, serão vindicadas.”

- “As verdades de hoje são as falsidades e enganosa de ontem.” – balbuciou Marianne. – morava sozinha, desde os dezoito anos já se tornara independente, pois

precisara estudar fora de sua cidadezinha interiorana. Conseguira uma Faculdade pública e assim dera continuidade aos seus estudos. Hoje, trabalha para uma revista de Filosofia e faz traduções para uma editora. Agora já tinha vinte e seis anos e já caminhava para ser mestre em História, óculos fundo de garrafa, magra, olhos esverdeados e cabelos curtos para não dar trabalho. Lá de vez em quando recebia amigos, seu namorado só conseguia vê-la nos final de semana.

Uma pilha de livros ia se entortando até um e outro escorregar e cair; um que ainda não havia lido chamou-lhe a atenção por ter escapado e caído da montanha de livros que fizera, era um daqueles comprado no sebo. A capa era toda feita em couro e um símbolo esquisito ornava-lhe a frente, medonho, formava uma figura demoníaca, junto ao símbolo em forma de círculo e uma cruz torta. O relógio apontava três e trinta e três da manhã. Arrepiou-se, benzeu-se várias vezes, rezou um Pai-nosso e depositou-o sobre a mesa, hesitando um pouco em abri-lo. Uma rajada de vento soprou ao longe os papéis de suas anotações, a janela começou a bater repetidas vezes, até que Marianne correu para fechá-la e logo pôde ouvir o barulho de chuva.

Voltou para sua cadeira de estudos e mais uma vez deparou-se com aquele misterioso livro que o senhor idoso do sebo lhe recomendou para que ela descobrisse os segredos da origem da natureza humana: a natureza do bem e do mal...

Restava aquele livro para conseguir suas últimas anotações, a orientadora a alertou que pessoas enlouqueceram e outras morreram ao tentar desvendar os mistérios que reinavam naquele tipo de escritura. Miriam tentou convencê-la a desistir daquela insana tese de mestrado, mas Marianne era determinada e persistente: se possível chamaria até um padre exorcista, mas iria a fundo a seus apontamentos.

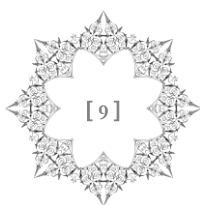
Os dedos compridos e esqueléticos tocaram mais uma vez o livro proibido. Sem pressa foi lentamente abrindo a capa e qual não foi sua surpresa: pela idade do livro, já havia alguns desenhos e ilustrações, símbolos, e muitas palavras em hebraico, sânscrito e na língua inglesa. Ele havia sido traduzido por uma escritora de morte misteriosa, assim contou-lhe o dono do sebo.

Começou a lê-lo com toda a ferocidade da aguçada curiosidade de uma pesquisadora, altas horas da madrugada. Não sabia se o que escutava era um sonho seu porque ainda transbordava de sono que dominava sua mente, ou se o livro conversava com seus pensamentos. Conseguia sentir o cheiro do sangue que jorrava dos soldados em guerra, conseguia visualizar os atentados terroristas que assolam a humanidade, ouvia

claramente as explosões, a matança dos animais e seus gritos, todas as maldades e atrocidades dos homens.

Marianne foi se sentindo cada vez mais com poderes sobrenaturais: podia agora prever o futuro da humanidade, conseguiu sentir os pensamentos de seu namorado a traindo com outra mulher. O livro abriu seus olhos para a luz; como estava cega e ingênua achando que a vida era um conto de fadas, ela não passava de uma barata, aliás, ela se viu num corpo de barata. *O que era aquilo? Que nojo!* Correu até o espelho, não conseguia se mirar, um fogo se refletia no lugar de sua imagem. Estava ensandecida, e agora? Aquele maldito livro era um portal dos infernos, não era isso que queria saber... *Não, não, parem de falar comigo seus demônios! Lúcifer, xô, fora daqui, quero minha alma de volta, chega, chega!*

No dia seguinte, a sirene da polícia tocava em frente ao prédio de Marianne, um manto cobria seu corpo, atirado do nono andar onde morava. Não havia sinais de violência...



A person wearing a black hoodie and a black mask is standing in a dark, wooded area. The person is holding a chainsaw. The scene is heavily splattered with red blood, with large, irregular stains on the ground and smaller droplets in the air. The background shows dark trees and a dimly lit sky, creating a chilling and ominous atmosphere.

APRESENTAMOS O CONTO

CLARA

Por Cleber Gimenes Freitas e Erica Ribeiro de Almeida

SOBRE OS AUTORES:

CLEBER GIMENES FREITAS

É graduado em Letras e Filosofia e pós-graduado em Educação Especial na área de Altas Habilidades/Superdotação. Atualmente é professor de Língua Portuguesa na rede municipal de São Paulo. Leitor de Poe, Lovecraft, Wells, Doyle... Participou de algumas antologias de contos e poemas. Gosta de escrever terror (com uma pitada de humor), mas também se dedica ao universo infantil.

ERICA RIBEIRO DE ALMEIDA

Possui formação em Canto Técnico pelo Conservatório Dramático Musical de São Miguel - Oreste Sinatra, graduação em Educação Artística e pós-graduação em História das Artes e Arte Educação. Atualmente é professora de Arte na rede municipal de São Paulo. Leitora de Neil Gaiman, Poe, Lovecraft, Stephen King e terrores afins, participou de algumas antologias de contos.

Edgar cumprimentou a atendente, pediu dois pãezinhos e cem gramas de queijo prato, como fazia todos os dias, depois dirigiu-se ao primeiro caixa, operado por Joyce, que sempre falava do tempo e perguntava se o pagamento seria no débito ou no crédito, mesmo sabendo que ele só pagava em dinheiro. Mas, naquele dia, ocorreu um fato inesperado, que surpreendeu aquele homem de hábitos regulares: a moça do caixa não era a Joyce.

— Clara? É você? Mas, como isso é possível? O que você está fazendo aqui? — perguntou Edgar.

— Como, senhor? Acho que está havendo uma confusão aqui. Eu me chamo Carla e não Clara, veja o meu crachá. Estou substituindo a Joyce, que está de licença médica, ela está com covid e... — a operadora de caixa falava, quando foi interrompida por Edgar.

— Não. Não existe nenhuma confusão. Eu sei que é você. Não esqueceria dos seus olhos, nem da sua voz, ainda que mil anos se passassem. — disse ele, eufórico.

— Ah, já entendi... É a máscara, ela faz a gente confundir mesmo. E, além disso, essa pandemia mexe com a nossa cabeça, não é? Vai ser no débito ou no crédito, senhor? — continuou a moça, visivelmente embaraçada.

— Como você conseguiu voltar? — insistiu Edgar. — Eu vou pagar em dinheiro, como sempre.

— Eu realmente acho que o senhor está me confundindo com outra pessoa, por causa da máscara e, por favor, o gerente já está me olhando feio, é o meu primeiro dia. — cochichou Carla.

Edgar saiu dali intrigado. “Como isso é possível? Clara voltou e está trabalhando no mercadinho da esquina. Mas, por que ela está usando um nome diferente?”. Esse acontecimento mexeu com os nervos daquele homem que, naquela noite, não conseguiu pregar os olhos. No dia seguinte, como sempre fazia, Edgar foi ao mercadinho, pediu os dois pãezinhos, os cem gramas de queijo prato e dirigiu-se ao caixa de Clara, isto é, Carla.

— Será no débito ou no crédito, senhor? — perguntou Carla.

— Clara, ainda estou tentando entender... Por que você está usando outro nome? Saiba que eu senti saudades... — ele falava com a voz embargada.

— Outra vez essa história? Eu já disse que não sou essa tal de Clara. Se eu pudesse, tiraria a máscara agora para o senhor conferir. — disse Carla, abaixando o tom de voz, pois o gerente não tirava os olhos dela. — O pagamento será no débito ou no crédito?

— Em dinheiro. Clara, eu não queria que as coisas terminassem daquela forma. — continuou Edgar, sem perceber que o gerente se aproximava.

— O senhor vai querer mais alguma coisa? — perguntou o gerente, lançando um olhar de reprovação para a sua funcionária.

— É... Não, não. É só isso... — respondeu Edgar, constrangido. E saiu.

Edgar foi para casa com a certeza de que aquela moça realmente era a Clara e que o destino estava lhes dando uma segunda chance. Depois de mais uma noite mal dormida, o dia amanheceu e ele aguardou ansiosamente pelo momento de reencontrá-la no mercadinho. Ele tinha algo para lhe dizer, algo que certamente faria com que ela parasse de dissimular e assumisse de uma vez por todas que de fato era a sua Clara. Quando o momento chegou, Edgar colocou os dois pãezinhos e os cem gramas de queijo prato na frente da moça, entregou a ela uma nota de vinte reais e foi logo dizendo:

— Não será no crédito, nem no débito, vou pagar em dinheiro. — fez uma pequena pausa, respirou fundo e continuou — Quero que saiba que o Netuno ainda está comigo!

— O quê? — perguntou Carla, confusa.

— Nosso gato, o Netuno. Ele ainda está comigo e está bem, apesar daquele acidente com o seu olho esquerdo. E pare de me chamar de senhor, me chame de Edgar, como antes. — disse ele, olhando fixamente para Carla.

— Ah, então o senhor gosta de gatos. Pois saiba que eu também gosto. Já tive vários, mas agora não tenho nenhum, pois o lugar onde estou morando é muito apertado, não cabe mais ninguém além de mim, às vezes até me sinto emparedada. E o senhor, quer dizer, você está cuidando bem do Netuno, Edgar? — perguntou a moça, que ao saber que ele tinha um gato, passou a olhá-lo com maior interesse e simpatia.

— Estou, minha doce Clara. — respondeu Edgar.

— Mas, por que você insiste? Eu não sou a Clara. Aliás, já estou começando a desconfiar que essa mulher, talvez nem exista. Pois bem, eu saio às 18h, se quiser tirar a

prova, me espere na esquina. Sem a máscara, você verá que eu não sou a “sua Clara”. — disse ela, entregando-lhe o troco e fazendo um sinal para que saísse, pois a fila atrás dele crescia e o gerente já estava de olho nos dois.

Parado na esquina, Edgar olhava o relógio a todo instante. Dentro de poucos minutos, Carla terminaria o seu turno, ele finalmente poderia vê-la sem a máscara e sua suspeita seria confirmada: aquela era Clara e ela tinha voltado para ele. Finalmente ela saiu e, ao vê-lo parado na esquina, se aproximou com um sorriso nos olhos e disse:

— Então você me esperou mesmo, Edgar?

— Claro que sim, meu amor. Na verdade, tudo o que fiz nesse último ano foi esperar pelo seu retorno — disse ele confiante.

— Bom, vamos acabar logo com essa confusão. — disse Carla, retirando a máscara em seguida.

Assim que Carla retirou a máscara, Edgar a olhou e, perplexo, concluiu que aquela moça, definitivamente, não era a sua Clara. Ele a olhava e não conseguia determinar o que as diferenciava, mas estava certo de que elas não eram a mesma pessoa. Desconcertado com a situação, sem entender como pode confundi-las, Edgar tentou se desculpar, mas conseguiu apenas balbuciar algumas palavras confusas.

— Não... Você não é ela... Que estranho... — e saiu apressado.

— Que pena, Edgar... — disse Carla, vendo-o se afastar rapidamente. — Que pena você não ser capaz de enxergar em mim, aquilo que procura. Ainda assim, foi bom revê-lo. Mande lembranças ao Netuno.

No caminho de casa, Edgar tentava organizar as suas ideias e entender o que tinha acontecido. “Como eu pude confundir aquela moça com Clara?”, pensou. Fazia um ano que ele não a via. Um ano, desde o dia da tragédia, do impulso que fez com que anos de amor fossem esquecidos no ódio de um só minuto, do crime, cuja única testemunha era o seu gato, Netuno. “Como eu pude confundir aquela moça com Clara?”, pensou novamente. Ao chegar, Edgar encheu-se de coragem e foi direto à parte da casa que ele vinha evitando até aquele momento: o porão. Ele desceu as escadas, pegou uma marreta, parou e disse:

— Impossível, ainda que ela estivesse viva, jamais conseguiria derrubar essa parede.

Edgar olhava para a parede pensativo, enquanto Netuno miava do lado de fora, um miado longo e melancólico, que mais parecia um lamento. Então, completamente descontrolado, com um golpe de marreta atrás do outro e tijolo por tijolo, a parede foi derrubada e ele a viu, não tão bela e radiante como outrora, mas ainda assim encantadora, no esplendor de seus ossos, podridão e vermes.



A person wearing a black hoodie and dark pants stands in a forest, holding a chainsaw. The scene is heavily stylized with numerous red splatters of varying sizes scattered across the image, particularly concentrated around the person and the chainsaw. The background shows a dense forest of trees under a pale, overcast sky. The overall mood is dark and menacing.

APRESENTAMOS O CONTO

CARLOS GOMES

Por Denis Leandro Carvalho Fioravante

Sobre o autor: Denis Fioravante é formado em História, apaixonado por literatura e filmes de terror. Nos contos que escreve resalta o terror que pode estar presente no dia a dia, tendo como pano de fundo sua Cidade natal Ribeirão Preto - SP.

Era mais um dia comum na vida de Welson Gasparini, tinha perambulado todas as ruas do centro sem encontrar nada de interessante. O dia a dia nunca foi fácil para ele e ultimamente ficou mais difícil depois que o prefeito decretou lockdown, para tentar conter a epidemia da COVID-19. Num piscar de olhos as ruas ficaram desertas, lojas do centro fechadas, ônibus com frota reduzida e estacionamentos vazios. Para Gasparini, o mundo tinha entrado em um eterno Domingo, o que significava que não tinha muitas pessoas na rua para pedir uns trocados e nem lanchonetes para pedir salgados, a lata do lixo era a única opção para buscar uma refeição e foi o que ele fez naquela tarde.

Depois de enganar a fome com alguns restos de comida, Gasparini foi buscar um abrigo para passar a noite. O estomago estava doendo devido as porcarias que ingeriu, ele não sabia o quanto mais poderia aguentar se a cidade continuasse em lockdown. O Sol estava baixo, a escuridão tomava as ruas, os dias estavam mais curtos e frios e Gasparini ainda não tinha arrumado lugar para dormir, teria que encontrar um lugar na praça.

A praça fica na parte mais antiga do centro, tem formato arredondado, um grande canteiro central, bancos na extremidade e algumas árvores. Ao chegar, ele parou um instante para analisar qual banco estava menos sujo de bosta de pombo. Enquanto examinava os bancos sujos e quebrados viu de relance um brilho forte emanar do canteiro central, por um instante não deu importância, mas ao olhar novamente para o mesmo local, o brilho ofuscou seus olhos, isso foi o suficiente para justificar uma investigação *in loco*.

Ao chegar na borda do canteiro se deparou com uma placa de concreto fixa no chão, com escritos bem grandes “PREFEITURA DE RIBEIRÃO PRETO”, seguido de “REVITALIZAÇÃO COMPLETA DA PRAÇA CARLOS GOMES”, logo abaixo estavam os nomes de um monte de políticos que nunca ouviu falar, nem mesmo sabia quem era Carlos Gomes. Mas ele não podia perder tempo com devaneios, precisava descobrir o que era aquele brilho, pisou nas flores do jardim e chegou no meio do canteiro central, em frente a um pequeno mural que tinha a imagem de um rosto cravado no concreto, cabelos volumosos, bigode, roupas finas, alguém antigo e importante, provavelmente o tal Carlos Gomes, pensou. Bem ao pé do mural em um pequeno buraco, estava a origem de toda a sua curiosidade, de perto era possível perceber que o brilho era avermelhado, sem demora Gasparini começou a cavar a terra em busca do brilho.

Aquilo que estava brilhando se encontrava mais fundo do que aparentava, Gasparini fez um buraco da largura de um braço, quanto mais cavava, mais forte o brilho ficava. Quando percebeu, já estava com as duas mãos, *cavando, cavando, cavando*, jogava a terra para cima, parecia um cachorro em busca do osso escondido e pela intensidade do brilho o osso estava próximo. Em um dia normal, antes da pandemia, já teria levado uns cascudos do guarda municipal, mas hoje ele estava livre para satisfazer seus desejos, que eram cavar e descobrir o que estava emitindo aquele brilho que quase o cegava. A escavação foi encerrada quando Gasparini estava com toda extremidade do braço enfiada no buraco recém-aberto, tocava em algo que parecia ser uma pedra.

Os olhos de Gasparini nunca viram um objeto como aquele, era uma pedra vermelha, em formato oval contornada por uma delicada corrente de ouro feita a mão, na parte de traz do objeto o formato era reto, tendo um encaixe com uma agulha, ambos também feito de ouro, que o levou a concluir que era um broche. A pedra emanava uma forte luz vermelha, era difícil focar os olhos nela por muito tempo, tudo indicava que era um objeto antigo e caro. Finalmente Gasparini poderia ganhar algum dinheiro e viver decentemente por alguns dias, o problema era que objeto era fascinante demais e por alguma razão Gasparini se sentia ligado a ele, não tinha certeza se conseguiria se desfazer.

Sem demora guardou o objeto no bolso para o esconder das vistas de estranhos. Ao se levantar ele tomou a dimensão da bagunça que fez no canteiro central, rapidamente se afastou e foi se deitar em um banco próximo da calçada.

O céu estava estrelado, a Lua brilhante e o clima ameno, condições perfeitas para ter uma boa noite de sono, mas condições perfeitas não garantem resultados positivos. Após esticar o corpo e se acomodar no banco da praça, Gasparini não conseguia dormir, fechava os olhos para abrir nos segundos seguintes, tirou o objeto do bolso, contemplou mais uma vez sua beleza, trouxe-o para perto do peito, protegeria aquele objeto com a vida se fosse preciso. Foi durante esse momento de devoção que ele percebeu que aconteciam movimentações na praça.

Alguns sons peculiares surgiram, como o rangido do que parecia ser o girar de uma roda gasta acompanhado de uma batida seca no asfalto, também era possível ouvir o burburinho de vozes, o que preocupou Gasparini. Ele tinha certeza de que alguém tramava um plano, para roubar seu tesouro, sem pensar duas vezes Gasparini pegou seu cobertor

e se preparou para correr, ao levantar-se para dar início a fuga, ele parou. Não sabia se estava acordado ou sonhando.

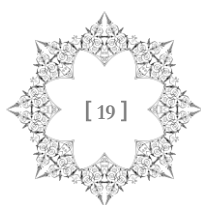
A praça com seus jardins e bancos não existia mais, onde deveria estar o canteiro central, surgiu como se sempre estivesse lá uma construção imponente. A arquitetura era simples, constituída por ângulos retos, bem definidos, que dava o formato quadriculado a construção, possuía poucos ornamentos que enfeitasse a fachada, mas ao mesmo tempo era elegante e minimalista. Tinha dois andares contornados por enormes janelas em forma de arcos. A parte da frente se destacava por uma discreta e comprida sacada, seguindo o estilo minimalista, a entrada era feita por três grandes portas, também em formato de arco, que se abriam para uma pequena escadaria que chegava até a rua. Na parte de cima, entre o telhado e a parede, esculpidas em letras grandes “TEATRO CARLOS GOMES”.

Na frente do teatro, havia aglomeração de pessoas, alguns chegavam de carruagem, o que explicava o barulho de roda rangendo e das batidas secas, provocadas pelos cascos dos cavalos, contudo não explicava quem eram aquelas pessoas bem-vestidas com roupa de festa e nem como elas ou o teatro surgiram de repente. Confuso e com medo Gasparini, tentava entender o que estava acontecendo, esfregava os olhos, como se estivesse tentando acordar de um sonho. Aos poucos as pessoas do teatro viraram em sua direção, começam a apontar e falar, o pavor tomou conta de Gasparini ao perceber que foi avistado, de supetão alguém segurou seu braço, o frio na espinha arrepiou todo seu corpo.

Era uma mulher linda, cabelos negros penteados com um belo coque, usava um vestido vermelho, anéis de brilhante e na mão direita segurava um leque, ela apenas olhou para ele e sorriu com a boca pintada por um batom carmim. Ela começou a andar em direção a multidão em frente ao teatro e a puxar Gasparini para junto dela, ele não conseguia entender o que estava acontecendo, aquela mulher só podia ter se confundido, foi quando percebeu que seus pés não estavam mais descalços, vestia belos sapatos de couro preto, que combinavam com o terno inglês preto que misteriosamente estava vestindo, na sua mão esquerda, em vez de um sujo cobertor, segurava uma bela capa que combinava com o terno. Toda aquela roupa que magicamente ele vestia era finalizada por um detalhe no canto esquerdo do terno, o belo broche de safira vermelha, contornada por uma fina corrente de ouro. O broche brilhava e iluminava o caminho, as pessoas ficavam encantadas quando ele passava. Agora ele tinha certeza de que era um sonho e parecia ser um bom sonho, dessa forma ele deixou se levar por aquele devaneio.

As pessoas abriram caminho para ele subir as escadarias do teatro, passou pela entrada, conduzido pela bela mulher foi levado para o salão principal, uma enorme sala redonda com um palco no meio, ele ficou impressionado com o tamanho do salão. Ao entrar as pessoas começaram a bater palmas, Gasparini olhou para as cadeiras, para os camarotes, arquibancadas, todos estavam de pé saudando-o, ele sabia que era por causa do broche, estavam parabenizando-o pelo seu achado, as pessoas o agradeciam, ele foi até o centro do palco e reverenciou o público, em meio ao frenesi das palmas e saudações as luzes do teatro apagaram, tudo ficou em silêncio.

Era um novo dia, os primeiros raios de Sol que bateram na Praça Carlos Gomes já anunciavam que seria um dia quente, tudo parecia normal em seus respectivos lugares, exceto pelo fato de que ninguém estava na praça, Gasparini sumiu. As poucas pessoas que o conheciam relataram que nunca mais o viram e não demonstraram muita surpresa, já que pessoas que vivem na rua costumam desaparecer sem deixar rastros, contudo havia algo que as deixavam intrigadas. Quando uma pequena busca foi realizada no centro, seguindo as pistas de *parcos* relatos, foram encontrados os últimos vestígios dele antes do desaparecimento. Na praça Carlos Gomes no canteiro central havia pegadas no jardim, próximo a um pequeno e profundo buraco feito na terra e no memorial que homenageia Carlos Gomes, estava pendurado um cobertor velho e sujo que pertenceu a Welson Gasparini.



A person wearing a dark hooded jacket and gloves is walking through a forest. The scene is heavily stylized with numerous red splatters of varying sizes scattered across the trees and the ground. The lighting is dim, creating a somber and mysterious atmosphere.

APRESENTAMOS O POEMA

MARISOL

Por Nelly

Sobre a autora: Emanoely de Jesus os Santos, nasceu no dia 16 de janeiro de 2003 em Turirana na cidade de Apicum-Açu no interior do Maranhão e desde pequena amou livros e teve o sonho de escrever, foi então que em 2018 foi morar em São Luís e cursou o ensino médio no Iema foi então que a jovem teve a oportunidade de participar de Feiras, eventos, e concursos literários que incentivaram o seu desenvolvimento na "Arte de inscrever" desde então ela se destacou vencendo concursos literários e tendo seus poemas publicados. Emanoely sempre destacou que o que motiva ela a escrever é o grande sonho de transformar o mundo por meio da escrita através do dom que ela acredita que Deus o concedeu.

Tardezinha na Marisol, era cedo quando se ouvia
Choros da floresta, a dona Linoca não segurou a curiosidade

E a mata atravessou.

Se ouvia sempre as 17:00 horas

O tão terrível som se ouvia das árvores da floresta

Que batiam forte no semblante da dona Linoca

Mas a coragem ardia em seu coração e o som se aproximava

E com medo ela não ficava.

O choro não era criança, ele nem existia

Era só o barulho das árvores na floresta que naquela tarde se ouvia.



A person wearing a black hoodie and dark pants is walking through a forest. The scene is heavily stylized with numerous red blood splatters of various sizes scattered across the trees, the ground, and the person's clothing. The lighting is dark and moody, with a blueish tint in the background, suggesting a night or twilight setting. The overall atmosphere is somber and mysterious.

APRESENTAMOS O POEMA

○ RIO DA PEDRA

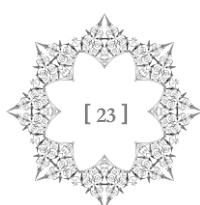
Por Nelly

Sobre a autora: Emanoely de Jesus os Santos, nasceu no dia 16 de janeiro de 2003 em Turirana na cidade de Apicum-Açu no interior do Maranhão e desde pequena amou livros e teve o sonho de escrever, foi então que em 2018 foi morar em São Luís e cursou o ensino médio no Iema foi então que a jovem teve a oportunidade de participar de Feiras, eventos, e concursos literários que incentivaram o seu desenvolvimento na "Arte de inscrever" desde então ela se destacou vencendo concursos literários e tendo seus poemas publicados. Emanoely sempre destacou que o que motiva ela a escrever é o grande sonho de transformar o mundo por meio da escrita através do dom que ela acredita que Deus o concedeu.

Oh, riozinho do meu coração tu carrega tanta investigação
Em uma de suas belas tardes, era um dia de silêncio
Uma paisagem linda para contemplar.

Não se ouvia nenhuma criança no barulhos das águas
Mas o mistério das pedras permaneciam no tom assustador
O som vinha da ponte do riozinho, e era de criança.

Uma cena é contemplada e logo restos de uma criança surgem no pequeno rio
E o mistério para entender o que aconteceu no lago da pedra é a história
Que é contada de geração a geração nunca ninguém entendeu a tamanha falta de
compaixão.





APRESENTAMOS O CONTO
URSINHO DE PELÚCIA E SANGUE

Por Fran Pigosso

Sobre a autora: Fran Pigosso é professora e escritora, natural da cidade de Farroupilha – RS. Formada em Letras pela UCS, desde cedo sempre sentiu paixão e compulsão pela escrita, em especial contos com críticas sociais, mistérios, fantásticos e perturbadores. Por muitos anos, seus escritos ficaram restritos aos cadernos, arquivos digitais salvos no computador e participações no Concurso Regional de Contos, Crônicas e Poesias Oscar Bertholdo, até o ano de 2020, quando ela decidiu acreditar nos seus textos e divulgá-los.

Analua tinha recolhido, enquanto voltava com sua irmã mais velha do mercado, um ursinho marrom, encardido, faltando um dos olhos, que estava perdurado por uma fita amarela na árvore em frente a sua casa. Foi amor à primeira vista, a menina de seis anos viu a pelúcia ao alcance de suas mãos, amarrada a um galho, desatou o nó simples que a prendia e a levou para dentro de casa. Sua irmã, Rebeca, não percebeu o gesto, mas ao chegar à porta chamou pela caçula, pois não tinha como abrir a porta com as próprias mãos, segurando alças de sacolas e uma grande bandeja de ovos.

— Analua, abre a porta pra mim.

— Pronto – falou a pequena, permitindo o acesso da mais velha ao interior da residência.

— Onde você recolheu esta coisa velha? – referindo-se ao ursinho que a irmã abraçava.

— Tava na árvore. É só lavar e estará novinho.

— Joga este troço no lixo. Não falta bichinho de pelúcia nesta casa. Ontem mesmo eu dei os meus pra você. Não é o suficiente?

— Mas este é tão mágico. Parece que ele tem vida. Ele só precisa de amor para ser lindo novamente.

— Amor, um olho, lavagem, ser fabricado de novo...

— Para, Beca!

— Para você, a mãe vai odiar este lixo.

— Eu vou ficar com ele, senão eu conto que você está beijando o Pablo depois da escola. Ela vai ficar tão braba que vai cancelar sua festa de quinze anos mês que vem.

— Sua... Que raiva! Fica com este lixo! Mas não no nosso quarto.

— Combinado.

No final do dia a mãe das meninas chegou do trabalho, encontrando Rebeca vendo séries jogada no sofá, sozinha.

— Que milagre! Hoje só você está na sala. Onde está Analua?

— Ela resolveu brincar no porão.

— No porão? Mas é frio, escuro. Só tem a lavanderia. O que vocês estão aprontando?

— Nada.

A mãe prontamente desceu a estreita escadaria e encontrou a menina sentada no chão, falando sozinha.

— Analua, o que você está aprontando?

— Nada, mãe – escondendo rapidamente o ursinho debaixo do vestido. – Estou brincando com a Mili. A criança apontou para uma caixa forrada de panos com uma pequena boneca dentro.

— Você não acha que a cama está muito grande para a Mili?

— Ela queria espaço.

Durante a janta a mãe sentia que tinha algo diferente no ar. Um mistério entre as filhas que não conseguia descobrir. Porém o dia tinha sido muito cansativo e triste. Não foi fácil entregar os materiais escolares de Joanne, a aluna que fora encontrada morta num terreno baldio, para a avó, sendo que o item que a velha mais queria havia sumido: o urso marrom, brinquedo favorito da falecida. Por tudo isso associou a energia estranha a si mesma, envolta em lembranças de um dia cheio de luto.

— Filhas, eu tive um dia cheio, preciso descansar – disse a mãe, beijando cada uma na testa. – Escovem os dentes e vão para cama. Amo vocês.

Quando a matriarca se aproximou de Rebeca, esta perguntou ao pé do ouvido:

— Já descobriram quem matou a Joanne?

— Não...

— Meninas, estejam na cama em vinte minutos.

— Tá bom.

— Certo.

Analua estava tão encantada com seu novo amigo de pelúcia que não queria que ele passasse a noite sozinho, no piso frio do porão. Então ela teve uma ideia: quando Beca fechou a porta do banheiro para escovar os dentes, a menina desceu até a lavanderia, resgatou o seu amiguinho, enrolou-o num pedaço de pano, levou até o quarto e o colocou debaixo da sua cama.

— Ana, tua vez de escovar os dentes – chamou Rebeca, indo para o quarto e esbarrando na irmã no corredor.

— De novo ia dormir sem escovar os dentes? Que teimosa!

No quarto Rebeca, deitada em sua cama, lia um livro sobre romance adolescente. Analua, na cama do outro lado, ouvia música com seus fones. E devagarinho o sono foi chegando.

— Vou desligar a luz. Boa noite, Ana.

— Boa noite, Beca.

A madrugada foi dominando a cidade, e toda racionalidade transformando-se em sonhos. Na mente da irmã mais velha, surgia a imagem de si mesma amarrada na coluna do porão, com as mãos penduradas num gancho no teto, por meio de uma fita amarela. O medo tomava conta da jovem, e ela não conseguia se mexer e nem gritar. Abrir a boca costurada não era opção. Ao olhar para o chão, viu a pequena Joanne, com o tórax e abdômen abertos, exibindo seu recheio de espuma banhada em sangue. Nisso passos pesados começam a descer pelos degraus, e um vulto segurando uma faca vai se aproximando devagar, passo após passo. A respiração pesada da sombra vai ficando mais alta, até ser possível sentir o calor expirado próximo ao seu pescoço. A mão com a faca vai se colocando diante de um dos olhos de Rebeca e ela sente a pressão da lâmina adentrando a cavidade ocular...

— MÃEEEEEE! MÃEEEEEE!

Em poucos momentos a casa se iluminou. A matriarca surgiu rapidamente ao lado da cama de Beca, a abraçando:

— Calma, foi só um pesadelo... Calma... Estou aqui.

Na cama ao lado, Analua observava tudo imóvel.

— Posso dormir com você?

— Filha, foi só um pesadelo. Você já vai fazer quinze anos. Respire profundamente, se acalme. Deixe a luz do abajur acesa, pode ser Analua?

— Pode.

— Vamos dormir meninas, amanhã é um novo dia.

Quando as duas irmãs voltaram a ficar sozinhas, uma breve conversa tomou o lugar do silêncio:

— Ana, onde está o ursinho?

— No porão.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Eu acho que você deve se livrar daquilo. Eu tive um pesadelo horrível com ele.

Analua nada mais respondeu, virando-se contra a parede e deixando o pedido solto no ar.

Os dias foram passando, e todas as noites Rebeca acordava aos gritos. A mãe não sabia mais o que fazer, e ia assistindo com desespero a filha ficando a cada dia mais pálida, assustada, com olheiras tão profundas que nem a maquiagem escondia. A psicóloga da escola disse que, durante a consulta, a filha nada revelou, mas talvez fosse o trauma que a morte de Joanne causou em todos os alunos da escola. Afinal, eram as alunas do nono ano que cuidavam dos estudantes do primeiro ano nos intervalos, e isso havia afetado a todas.

Em contrapartida Analua, que nunca conhecera a vítima, estava cada vez mais isolada e agressiva. As irmãs, que nunca brigavam, mal trocavam cumprimentos. Algumas comadres diziam: estas adolescentes e pré-adolescentes, que fase chata, mas passará.

Às vésperas da festa de aniversário de Rebeca, quando já estavam sozinhas no quarto para dormirem, a primogênita pediu:

— Analua, por favor, jogue fora o ursinho. Eu juro que, se esta noite eu tiver o mesmo pesadelo de sempre, eu mesma vou jogar este troço no lixo, depois da minha festa.

— Mas eu vou contar do Pablo...

— Eu não estou mais encontrando ele. Não somos mais nem amigos. Agora eu estou no controle: jogue fora ele.

Cada uma das irmãs deitou-se de costas para a outra, voltadas para as paredes. A madrugada foi ganhando espaço e Analua acordou com uma vozinha fininha vindo de debaixo da sua cama:

— Analua, minha amiguinha, eu te amo.

— Meu fofo! Você fala! Eu sempre disse que você era especial. – A menina puxou o ursinho para cima da cama, colocando-o debaixo das cobertas.

— Eu te amo, Analua.

— Eu te amo mais! Meu fofo especial!

— Eu não quero ser jogado fora. A Rebeca é muito má. Ela não gosta de nós.

— Ela não gosta de nós.

— Ela não gosta de nós, e nem a mamãe gosta de nós.

— Nem a mamãe gosta de nós.

Analua, conforme repetia os mantras ditados pela pelúcia, ia perdendo o controle sobre si mesma e suas atitudes. Como uma marionete, deixou o ursinho sobre a cama, foi até a cozinha e pegou a maior faca do faqueiro. Em silêncio, voltou até o quarto onde

Rebeca parecia dormir em sono profundo. Num golpe incisivo, deslizou a lâmina afiada pelo pescoço de Beca, não permitindo nenhuma ação de defesa da irmã.

— Eu gostaria de enxergar com os dois olhinhos de novo. Você me ajuda? Eu te amo.

— Eu te amo.

A caçula, com cuidado, retirou o globo ocular da irmã morta, e apertou contra o vão na cabeça de seu amigo de pelúcia.

— Agora eu posso ver! Eu te amo!

— Eu também te amo!

Como que por instinto, a mãe sentiu que deveria ver como as filhas estavam no quarto delas. Devagar, ela ligou a luz do corredor e abriu a porta, vendo Rebeca coberta, mas com uma mancha rubra que escorria pela cama e espalhava-se no tapete ao lado. Na outra cama, Analua cheia de respingos de sangue, sorrindo, abraçada ao urso encardido admirando-o com deslumbre: o ursinho marrom de Joanne.



A person wearing a black hoodie and dark pants stands in a forest, holding a chainsaw. The scene is heavily stylized with numerous red splatters of varying sizes scattered across the trees and ground, creating a macabre and horror-themed atmosphere. The background shows a dense forest with tall, thin trees.

APRESENTAMOS O CONTO
POR TODO LADO O LAGO

Por Hélio Sena

Sobre o autor: Hélio Sena é cearense, professor, contista e poeta. Publicou os livros Falsidade da noite (2012), Nós & a rosa (2016) e Poesia da cor da vida (2020), além de numerosas participações em coletâneas.

Incrível, coube direitinho!

Daí levo a mala para o carro — é apenas uma mala com rodinhas, não é mesmo? — e *partimos* noite adentro.

A viagem dura cerca de duas horas; só paro para abastecer e comer alguma coisa — e, lá pelas onze e meia, estaciono no local.

A noite está linda. A lua cheia se reflete nas águas calmas do lago — e eu solto uma praga por não ter me lembrado de trazer uma garrafa de vodca.

Desço do carro, caminho até a beira do lago, tiro o casaco, entendo-o no chão e me deito sobre ele, de barriga para cima — as mãos entrelaçadas no peito.

Sempre gostei de ficar assim — para desespero da minha Tia.

Ainda me lembro do nosso primeiro embate, logo depois que — desgraçadamente — fui morar com ela:

— Descruze as mãos, Érica.

— Por quê?

— Porque faz mal.

— Que mal faz?

— É de mau agouro, chama a morte...

— Isso é bobagem!

E, galhofando, me estiquei no sofá:

— Olha, Tia, agora sou uma finada!

Ela fez o sinal da cruz e levantou-se, irritada.

Soltei uma gargalhada — ao mesmo tempo em que uma propaganda gratuita e dos infernos entrava no ar, interrompendo a programação normal da TV, que já não é tão boa assim.

Naquela mesma noite, tive um sonho...

Era este o lago, do jeitinho que ele está agora — com estas águas tranquilas e banhadas pelo luar.

Tia estava sentada ao meu lado.

Curiosamente, eu não conseguia ver direito o rosto dela — ele parecia um daqueles incontáveis borrões no meu caderno de poesias.

A coisa toda se repetiria, vezes sem conta; um sonho bobo e — quem sabe — indecifrável...

Num pulo rápido, sento-me no casaco e busco no bolso um cigarro; está um frio de doer — e preciso me aquecer um pouco.

Depois, jogo a bituca no lago, vou até o carro — e abro o porta-malas.

Retiro a mala e a arrasto até a beira do lago. Abro-a, correndo o zíper com espantosa delicadeza.

— Que tal, Tia? A noite está do seu agrado? A lua? O lago também?

Ela sorri:

— Está tudo perfeito, querida!

Sorrimos juntas — e eu acendo outro cigarro.

Ofereço à minha Tia. Ela recusa.

— Isto dá câncer! — diz.

— Sim, e o que não dá?

Tia não responde.

— Ei, não durma, Tia! Qual foi o combinado?

Referia-me ao combinado do meu sonho recorrente, que continuava assim:

O lago, o lago. Por toda parte o lago... “Um dia, a gente vai entrar e nadar neste lago, não é, Tia?” “Vamos, sim, querida.” “Combinado, então?” “Combinado.” “Olhe lá,

hem, Tia... Sabe mesmo nadar?” “Não... Mas você me ensina, não ensina?” “O que disse?” “Ai, eu vou ficar tão feliz!” “O que disse?” “Érica, estou me afogando! Socorro!” “O que disse?”

Nesse ponto, eu sempre acordava, o coração palpitando!...

Curioso: estas últimas palavras me chegavam distantes, desconexas — um sopro, um eco trazido pelo vento...

Então, sem conseguir dormir, eu pensava na cara borrada da minha Tia.

E, às vezes, conseguia rabiscar um poema.

Mas, agora, não — seu rosto não é um borrão; pelo contrário, está bem nítido!

As *outras* partes também.

— Sua vaca! — grito.

Mas peço mil desculpas. Você não deve xingar ninguém de vaca; nem mesmo se for sua Tia.

De fato, os cigarros me esquentam o corpo. Então me dispo e entro na água.

Nado por uns vinte ou trinta minutos — feliz, sem receio, sem medo.

Então saio do lago.

De repente, o pio de uma coruja irrompe das sombras da vegetação no entorno.

Deito-me ao lado da mala. Nuazinha.

Tia continua ferrada no sono...

Ainda bem, senão ia me chamar de ingrata, pervertida — o diabo.

A coruja para de piar.

O silêncio, agora, é completo; uma chatice.

Penso em acender mais um cigarro — o terceiro.

Só penso.

Então me levanto, vou novamente até o carro e fecho o porta-malas.

Depois, volto para a beira do lago, cato as minhas roupas pelo chão e digo:

— Olha lá, hem, Tia... Sabe mesmo nadar? Não tem medo de coruja? Não quer mesmo um cigarro?

Tia abre os olhos.

— Adeus! — diz ela, e torna a fechá-los.

Fico imóvel por um instante, antes de partir.

Quando chegar em casa, ligo para o Pistola e faço as pazes com ele. Talvez o convide para dormir comigo esta noite — ou o pouco que restar dela.

Eu e ele. Ninguém mais para atrapalhar.



A person wearing a black hoodie and dark pants stands in a forest, holding a chainsaw. The scene is heavily splattered with red blood, creating a dark and ominous atmosphere. The background shows trees and a bright light source, possibly the sun, filtering through the branches.

APRESENTAMOS O CONTO
VELHO FANTASMA
Por Idicampos

Sobre o autor: Professor de Português-Literaturas, pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: "Todo mundo gosta de lê, basta ler o quê gosta". Com publicação física e digital de contos e poesias em jornais, revistas e coletâneas.

O Clube incentivava, na folia de fevereiro, o desfile do Boi da Cara Preta, manifestação acompanhada anos a fio por Ismádio, apelidado na roda de Didi.

O mercado de trabalho obrigou Didi a evadir, ir morar em Nova Iguaçu, quando aprovado no Concurso do Banco do Estado do Rio de Janeiro; antigo Banerj, encampado mais tarde ao Grupo Financeiro Itaú.

Ao som de Beatles, dançando Celi Campelo, conheceu Cecília, no Baile de Formatura das Normalistas, ela recebia o diploma de professora.

A cidade apogeu dos laranjais ninava o romance de Didi com Cici, ali acertaram o matrimônio.

Ismádio trabalhou duro, comprou um terreno no brejo, precisamente Belford Roxo, então 4º distrito de Nova Iguaçu.

O casamento gerou uma dezena de galinhas da raça vermelha, dois filhos, um cachorro vira lata, mas também os mosquitos radicados na região.

Meu pai bebia, batia na mãe, agredia todo mundo; situação contornada mais tarde com os doze anos do irmão e os quase dez que eu tinha...

Passamos a interromper a sessão de terror immobilizando o genitor, enquanto a bebedeira passava, guardando-o no quarto dos fundos. Ele aproveitava para estilhaçar os vidros da janela com socos, quebrando toda mobília dos 12 metros quadrados da prisão domiciliar.

Invariavelmente era internado numa clínica em Quatis, interior do Estado: levava choque, tomava bolinha; voltava de lá mansinho, retornando ao trabalho como se nada tivesse acontecido.

Fazia suplicas de amor à velha, jurava jamais acontecer de novo, mas o destino jogava sobre o infeliz a mão pesada, retornava numa ciranda de tempo.

Os olhos vermelhos incendiados pelo álcool, o ódio inexplicável ao outro compunham a personalidade do cara, embalada na esquizofrenia: duas personas habitavam a alma de papai.

A psiquiatria justificava a doença mental com os traumas da infância do velho. O quê nunca afastou a dúvida de origem de natureza espiritual...

Cresci nesse lugar pequeno, agora município da Baixada Fluminense, no mesmo Estado da clínica do sossega leão, onde num muro vermelho, na entrada da cidade, aparecia em letras desbotadas: “Lembre-se aqui é Belford Roxo”.

Ganhei idade, pernas longas, comecei a trabalhar, ser o dono do meu nariz; casei, virei cidadão, pagador de impostos, constitui uma família contemporânea.

Anos depois, a existência sombria do pai encerrava a passagem no planeta, no dia 13 de março de 2019, padecia de Cirrose Hepática, no hospital da rede pública; tratado feito lixo, jogado no corredor do recinto, de mãos dadas com a solidão.

No enterro, a esposa socou violentamente o caixão cobrando do defunto a existência roubada!

Voltei à entrada da Areia Branca, berço da minha infância, reformei a casa, trouxe a família, tivemos quatro filhos: um menino, uma menina, a menina menino e o menino menina.

A caçula, raspa do tacho, desde cedo relatava contato com o além, via espíritos perambulando, escutava vozes, dizia dialogar com o sobrenatural!

Nas sextas-feiras de número treze, pontualmente às 24h, o outro lado da vida encostava no cotidiano; a família perdia o sono, a residência colocava as pernas pro ar... O bagulho doido vinha da cozinha: os pratos atiravam-se no chão, os talheres torciam, o fogão rodava, uma histeria...

Acordava de madrugada, reunia o clã na sala:

— Que porra é essa? Perguntava ao desconhecido...

O padre da igreja de São Sebastião benzeu o domicílio. O pai de santo da área fez o despacho da alma penada. O budista da rua cantou uns mantras, tentamos de tudo, nada.

Uma assombração mal educada —revelou a dona kardecista— no entanto, o espírito só dirigia a palavra ao garoto da família: chamava-o de neto.

Resolvemos abandonar o local, fomos residir em Caxias, depois Barra Mansa, logo São João de Meriti; tentativas frustradas, assim que arriávamos a mudança, o fantasma aparecia na cena do crime.

Aí, visitei mãe, descrevi os fatos... A coroa olhou no fundo dos meus olhos, virou os dela e bateu as botas...

No velório de mamãe, na sexta-feira, 13 de março de 2020, meia noite, o espectro do pai manifestou-se perante a família, no Cemitério Municipal de Nova Iguaçu.

A alma, resignada, entrou na capela, abraçou Cici, pediu perdão, beijaram-se, evaporaram no infinito...

As manifestações fantasmagóricas cessaram, jamais vimos os dois após aquela demonstração de amor eterno...



A person wearing a black hoodie and a black mask is walking through a forest. The ground is covered in blood splatters, and there are many red blood droplets in the air. The background shows trees and a bright light source, possibly the sun, creating a high-contrast scene.

APRESENTAMOS O CONTO

PELOS PECADOS DO PAI

Por Luiz F. Haiml

Sobre o autor: Luiz F. Haiml: natural de Porto Alegre (RS), mas seus 56 anos são vividos todos em Taquara (RS). Mora em Taquara (RS). Foi colunista de vários sites e jornais da região do Paranhana, e fora. Atualmente tem coluna (Haiml & etc.) apenas no Jornal Panorama On-line, no qual, há mais de vinte anos, quando o jornal era ainda em papel, escreve sobre assuntos diversos. Professor de Ensino Religioso e Literatura Brasileira, traz resultados positivos em vários concursos e antologias literários.

Há mais de ano cruza as madrugadas das segundas-feiras, deixando Bambus rumo a Porto Alegre.

Estamos no cerne do verão. Tudo ainda é breu. A luz da natureza se anunciará apenas quando eu chegar a meu destino. Não há estrelas hoje. Uma noite abafada se cobre com nuvens pesadas.

Mesmo tendo dormido pouco, bem menos que o de costume, não é difícil manter-me atento à direção e meu Audi roda tranquilo deixando agora a periferia urbana para enfrentar a solidão que este horário traz à RS 020.

Se meu sono foi menor que o habitual, não é caso de ter passado pouco tempo na cama. Pelo contrário, nela comemorei a maior parte do aniversário de Célia. Com Célia, é claro.

Desde que se tornou residente no hospital de uma cidadezinha próxima, só conseguimos ficar juntos nos fins de semana. Sábados e domingos são assim, ansiosamente, esperados, e gozados, então, no apartamento que temos em Bambus, cidade em que a conheci.

“Nosso amor aconteceu entre as freiras de uma escola católica. Era uma grandiosa estrutura neoclássica de três andares, incontáveis salas, infinitos corredores. Estudávamos em turnos diferentes, segundo grau. Nunca tínhamos nos visto, até Célia sentir vontade de tocar na banda.

A fanfarra do Santa Efigênia não era só a maior, mas a melhor da região. Requisitada a outros eventos que não só desfiles cívicos, a banda também se apresentava fora de Bambus, sempre ovacionada com muito entusiasmo.

Célia fora tocar pratos; eu, um veterano no trompete. Deliciosas as morenas pernas de Célia descendo das frisas brancas da saia do uniforme feminino. As generosas formas da alemoa, nossa baliza, haviam perdido um de seus principais admiradores.

Tendo o destino orquestrado o meu encontro com Célia, surgiu entre nós uma admiração que logo passou a amizade, namoro. Dai em diante não nos largamos mais. O casamento já vai em bodas de dez anos.”

O Audi é um predador rápido e silencioso camuflado entre as sombras noturnas. Fora dele, a sinfonia de grilos e outras criaturas da noite ainda se executa. “Chan Chan” anima o interior do carro. É música da trilha de “Buena Vista Social Club”, a que assisti no Cine Capitólio, em Porto Alegre.

“Buena Vista encerrando-se, os créditos subindo, eu a levantar-me, sinto o colo muito úmido. As luzes se acendem. Vejo uma grande mancha entre minhas pernas. Rápido sento novamente, espero para ser o último a sair. Sabia que chorara, mas não sabia que fora tanto.”

Longas sombras crescem nos clarões dos faróis, me alertando que estou perto da “fábrica”. Tais negruras vem dos gigantes cactos plantados em frente a ela, espécies estranhas à vegetação local. Passar por aqui me incomoda. Acelero o Audi. Mas é tarde, uma imensa corcova surge nas alturas banhadas na luz de uma lua que tenta brilhar através das cerradas nuvens, e logo se revela por completo o dono da bizarra protuberância. Sinto um arrepio. Coisa do mal. É um bicho do Inferno. Asas e orelhas de morcego. Um chifre, como um espinho deformado no alto da cabeça, olhos reptilianos. Seguro pelo rabo, capturado por afiados dentes de um longo focinho, algo que parece um cão, ou um cordeiro, acuado também por medonhas garras. Atrás da horrível besta, outra semelhante a ela. Essa, porém, nada carrega nos longos e disformes braços, mas parece aguardar a sua parte da presa.

“Quando menino, um velho filme muito me apavorou. Um antropólogo e sua filha são perseguidos por criaturas semelhantes às que do meu carro se aproximam. Tinham achado, num deserto, a ossada completa de um demônio, e as criaturas a queriam de volta. Lembro que me impressionou muito a bela filha do antropólogo, quase o filme inteiro vestida de maneira insinuante, mas também atormentou-me por semanas a ideia que demônios pudessem mesmo existir, que um dia eu iria me deparar com um.”

Na verdade é o Audi que dos diabólicos entes se aproxima. Eles estão imóveis, fixados, imensos, encabeçando os portões de um alto muro que cerca uma construção retangular. O lugar, que possui um mínimo de portas e janelas, é só especulações. Não consta nenhuma placa indicando ser ali uma fábrica ou outro tipo de negócio. Nenhum morador da região havia sido contratado quando tal estrutura fora erguida. Ninguém sabe a quem pertence. Dizem que em certas noites de sexta-feira param ali muitos automóveis de luxo. Chegam e saem praticamente nos mesmos horários, e durante o tempo em que lá permanecem, apenas silêncio se ouve.

Não levo essas conversas muito a sério. No entanto, não há como negar que estas redondezas guardam em si fatos bem perturbadores.

Afinal, desde que começara a construção do misterioso prédio, a estrada que por ele passa, começara a roubar almas em fatalidades que, por suas características,

repercutiram em noticiário nacional. Além disso, tinham sido todas nas redondezas da estranha construção. Tive o azar de testemunhar duas delas.

“O Karmann Guia branco, emborcado num banhado próximo à ponte, guardava ainda, como primeiro túmulo, os copos de dois jovens casais. Uma provável imprudência, jamais comprovada, talvez fosse a responsável pela morte de seus quatro ocupantes. Na direção, o herdeiro de uma importante empresa exportadora.”

“Voltando para Bambus, ajudei a deter um Guarda Rodoviário que tentava chegar a um Vectra já virado em bola de fogo e que rolara ribanceira abaixo, acreditando que nele havia alguém ainda vivo. Pereciam, naquele bólido em chamas, o filho de um poderoso calçadista mais o amigo que o acompanhava.”

As luzes do Audi revelam uma densa vegetação ribeira, o rio está próximo. Já se anuncia a curva que abre para a ponte. Após ela, começará um longo desfile de curvas e colinas, e ali, numa delas, acontecera o primeiro, e talvez o mais tenebroso dos eventos, aquele que a sorte me privou de assistir.

“Dois adolescentes a toda velocidade num Maverick, um caminhão em sentido oposto. Fundiram-se de tal forma os ocupantes do Maverick às ferragens do mesmo que os bombeiros confessavam um despreparo aflito diante o que viam e ao que teriam de fazer para remover os mortos. O caminhoneiro, esse “tivera mais sorte”, o impacto o arremessara da cabine. Não muito após o acidente, falia a empresa do pai do garoto que dirigia o Maverick.”

Boatos sinistros surgiam da coincidência de que, nesta triste trilogia, a maioria dos mortos era filho de empresário. Mas havia algo que nunca fora mencionado, um detalhe despercebido aos apreciadores das teorias sobrenaturais. Essas trágicas mortes, embora em anos diferentes, tinham se dado todas em julho. Mês em que nasci. Meu Técnico de pulso dá o alarme: 03:16. Daqui a exatos seis minutos, a cadeira aparecerá.

Para quem estiver passando sobre o rio dos Sinos, no sentido Bambus/ Porto Alegre, ela aparecerá à direita. Nesse lado da ponte, ao fim da mesma, uma vegetação arbustiva de finos galhos que se fixam aos entornos disponíveis para melhor sustentação e descem entremeando-se à murada, formatou um nítido espaldar, um assento e pelo menos um dos braços de uma típica cadeira. Dá até para imaginar alguém sentado ali.

E há alguém nela. Nunca há ninguém, mas hoje tem alguém nela. Os braços para cima a acenar lentamente. De repente, seja lá quem for começa a erguer-se.

Piso o freio. O Audi não responde e, como se controlado por outra força que não a de seu motorista, puxa para o lado, acelera e arremete contra a ponte. Logo se revela não ser nenhum poder mágico maligno que causa isso, mas um vento inesperado e intensamente forte (um tornado desses que estão se fazendo comuns numa região outrora sempre de clima pacífico) que tira o carro do rumo, e antes que o veículo bata na murada o ergue e o lança sobre ela.

As pernas de Célia se abrem através das pregas da saia branca da banda enquanto o Audi dança pelo ar sobre as profundas águas do Sinos.

“Chan Chan” termina, começa “De Camino a La Vereda”.

Naquela mesma manhã uma ambulância chegará ao hospital onde Célia trabalha.

Ao meio-dia os noticiários priorizarão a mais recente calamidade ocorrida na RS 020, por volta das três da manhã.

Falará o pai da vítima, proprietário de conhecida rede de acessórios automobilísticos.

Apesar de bastante ferido, o filho ia sobreviver.



A person wearing a dark hooded jacket and pants stands in a forest. They are holding a knife with a large amount of red blood smeared on the blade. The background is a misty forest with trees, and the entire scene is overlaid with numerous red splatters of varying sizes, suggesting a crime scene or a violent act. The lighting is dim, creating a dark and ominous atmosphere.

APRESENTAMOS O CONTO
A SEGUNDA ALIANÇA

Por Luiz F. Haiml

Sobre o autor: Luiz F. Haiml: natural de Porto Alegre (RS), mas seus 56 anos são vividos todos em Taquara (RS). Mora em Taquara (RS). Foi colunista de vários sites e jornais da região do Paranhana, e fora. Atualmente tem coluna (Haiml & etc.) apenas no Jornal Panorama On-line, no qual, há mais de vinte anos, quando o jornal era ainda em papel, escreve sobre assuntos diversos. Professor de Ensino Religioso e Literatura Brasileira, traz resultados positivos em vários concursos e antologias literários.

Algo toca minha perna. Viro-me rápido e assustado e com a ponta do guarda-chuva afasto para longe o que quer que seja. O que primeiro pareceu-me uma boneca – engano desfeito pela tão esperada luz do amanhecer – meu empurrão conduz ao umbral da porta. Como aquilo surgiu tão rápido? Há pouco nada havia, eu perscrutara tudo com cuidado. Sinto nojo ao ver o que na verdade é, mas a contrição vem logo, peço perdão a Deus.

Eu descera do armário, no alto do qual, mergulhado nas trevas, cruzei a madrugada; a lamparina estava comigo, mas os fósforos ficavam nas gavetas invadidas.

Dentro da massa marrom e líquida, que já alcança as alturas da cabeceira da cama, abro a janela do quarto.

Padre Eduardo deitara tarde na noite anterior. O calor, os silogismos a serem usados no sermão de domingo e as impressões ficadas do último enterro eram a causa. Deitara-se, o sono, no entanto, custara. Havia também a ausência de Maria Catharina, já há dois dias em Igrejinha, cidadezinha próxima.

Contrapondo-se à timidez e quietude do novo padre, Maria Catharina mostrava-se divertida, de muita fala. Na presença da encorpada alemoa de meia-idade, rosto redondo e bonito, Eduardo sentia uma despreziosa e sincera alegria. No leito, às vezes, ele pensava em Maria. Era tomado então por um tranquilo sossego interior, e nessa gostosa indolência aninhava-se e sem muita demora adormecia.

A velha Elisabetha Klain, por anos a única a cuidar da casa dos padres, de súbito atacada por fortes dores na coluna, tivera que abandonar tal função. Daí convidaram Maria Catharina para substituí-la; sabia-se das dificuldades advindas do inesperado acidente que lhe tirara Oscar. Aliás, não tão imprevisto assim, pois inquietos presságios faziam-na pedir ao marido que desistisse de adquirir a motocicleta. No entanto, depois da compra da Yamaha DS-7, Oscar mudara para melhor; a máquina lhe realizara um sonho, e, percebia Maria, trouxera-lhe um motivo para mantê-lo feliz. Felicidade essa encerrada por um pneu que explodira numa descida de estrada. Eduardo, que em Moreira assumia sua primeira comunidade, era o segundo religioso para quem Maria trabalhava.

Trovões, mas ainda distantes. Padre Eduardo reza para que a chuva venha, imaginando que as pessoas do pequeno povoado estejam a fazer o mesmo. Os dias estão sendo de um mormaço incomum, de “assar a pele”, expressão muito ouvida ultimamente.

É um final de verão como não houvera antes – isso atestam apreensivos anciões cujas vidas enraízam-se quase centenárias pelo solo daquela localidade. Um calor inclemente sob o qual não sofre apenas o Sul, onde fica Moreira, mas o país inteiro.

Moreira é um distrito pertencente a duas cidades: Gramado e Três Coroas. É um local interiorano de uma natureza exuberante, que aumenta devagarinho sua população de moradores, a maioria colonos dedicados á horticultura, criação de animais, venda de leite. Os turistas, ansiosos por badalações várias e nababescas hospedarias, não se aventuram pelo pó e cascalho de suas estradinhas, nem descobrem deslumbrados a beleza do lugar – pitorescas casas antigas habitadas por gerações de uma mesma família, vales verdejantes, frondosos túneis de árvores – a passar reto por ele rumo a Gramado. Tendo sua nascente em Serra Grande e seu término em Sander, um arroio homônimo, estreito, mas de longa extensão, é a veia principal a irrigar Moreira; se não fosse por alguns poucos pequenos regatos, ele percorreria praticamente só a sinuosa superfície do lugar.

De longe, um uivo, não de animal, e os galhos e as folhas estremecem, a casa estala em vários pontos. Esperançoso com a possível mudança de clima que se anuncia, e pensando em Maria Catharina, as pálpebras do jovem pároco finalmente pesam e o afundam para dentro de um sono calmo e profundo, nem chega a ouvir o raio que faz sacudir tudo, e após, a tempestade rompendo os ares, desabando todo o seu peso sobre as coisas. E Eduardo sonha.

Estava eu na igreja, ao lado da pia batismal, ia realizar um batizado. Ninguém havia ao meu lado. Olhei para a nave, os bancos todos vazios. Apenas eu estava ali e segurava a criança a ser sagrada, que não se mexia, não emitia nenhum som. “Provavelmente dorme” pensei. Seu rosto era indistinto – ofuscado numa luz densa e leitosa – mas prossegui com o rito, e, prestes a completar o batizado ao aspergir a água benta em sua testa, um som veio de dentro da manta azul que a envolvia. Muito me assustou, pois não soou humano, mas algo como um guinchar, nesse exato momento as feições do pequeno surgiram nítidas, o reflexo que as tornava difusas desapareceu, com um grito de surpresa e horror descobri quem eu tinha em meus braços: era Alfredo, o bebê dos Lauffer. Na tarde anterior, eu realizara seu rito fúnebre. Então a água benta da pia batismal começou a aumentar e a aumentar sem controle, e logo estava a escorrer para o chão e a se espalhar pelo templo, me trazendo à lembrança o episódio do Mickey em “Fantasia”– última sessão

de cinema que vimos juntos, meu irmão e eu. Da pia batismal, a água benta continua incessante a jorrar; tendo a certeza de que tudo ia ser inundado, corro em direção à porta principal, que está fechada, levando comigo o pequeno embrulho.

Se em paz Eduardo finalmente adormecera, tal pesadelo o tira rápido de tão tranquilo sono e o traz de volta a uma realidade que poderia bem ser ainda a continuação de seu pesadelo.

O ar paira aquoso e frio, um cheiro de barro e umidade. Lá fora a chuva desce volumosa, o efeito do temporal na casa é como o de um forte vento brincando com um frágil barquinho de papel, e o som que serve de fundo é a ampliação em mil vezes do ruído que se ouve no interior das conchas. Mas não é só.

Rodopia em torvelinho o espírito do jovem sacerdote, percebe-se cercado por águas, e uma intensa aflição dele se apodera. Não é, no entanto, uma ansiedade desconhecida, causada pelo que está a acontecer; descobrira-a quando menino, o pai o levava ao largo rio que corria perto de onde moravam. Mais tarde, já rapazinho, ampliou tal sentimento ao conhecer o mar. Achou-o algo surreal, atordoante – não demorou a ver que as ondas se elevavam, tornavam-se gigantescas, dentro delas, soldados egípcios, suas bigas e cavalos, sendo tragados em turbilhões. Eduardo sentia um receio esquisito diante das líquidas extensões, e não sabia dizer o porquê disso, mas não o atraía nenhum pouco o aproximar-se delas ou nelas banhar-se. De piscinas também fugia, e constrangidos efeitos lhe provocavam, no seminário, as conversas sobre banhos e pescarias em uma lagoa aos fundos de um dos retiros dos religiosos. “Pode ser sintoma de coisa de outras vidas, algum trauma ocorrido em uma existência passada” dizia-lhe padre Alberto – a quem não bastava o Catolicismo – acrescentando “Quem sabe tentamos uma regressão?”.

Quando seus olhos começam a distinguir melhor as formas, Eduardo vence o torpor que o imobilizara por um tempo que ele não sabe ao certo a duração, e no qual, mesmo sem ter o objeto ali consigo, refizera as preces do rosário até perder a conta. Essa fé desesperada o faz ficar de joelhos sobre a cama e apalpar a altura da água ao redor – o colchão começa a ficar molhado – tirar então a calça de pijama, prendê-la ao pescoço e, surpreso consigo mesmo por perceber-se livre de qualquer temor, lançar-se à substância fria e suja. Alcança logo o armário, uma peça antiga de três portas, maciça, belamente laqueada em azul-claro, impossível de virar. Salva uns cobertores, roupas dos cabides,

camisetas, cuecas e lençóis, jogando tudo para o alto do móvel onde já mantinha a lamparina, um guarda-chuva, a pequena máquina de escrever. Agarra-se à beira do mobiliário, toma impulso e no topo dele monta refúgio.

Vejo, um pouco aliviado, as nuvens a se afastarem expondo um céu de peito largo e azul forte. A manhã chega, mas não anunciada pelo galo dos Kroeff, os latidos dos cães dos Bender, os mugidos das vacas dos Roth. E a paisagem mudou: cercas, porteiras, estradas, caminhos são uma única e impassível superfície, tudo é um caudaloso deserto. Não há mais margens, ao se ampliarem, consumiram-se, apagaram-se. Por um maligno milagre, o Moreira se transformara, se multiplicara.

Por sorte, a igreja de meus primeiros ofícios, graças à elevação em que se ergue, permanece a salvo, imaculada em sua recente pintura cor de creme. Pequenos arco-íris se formam quando os raios do sol encontram as gotículas da chuva nos vitrais. Se saísse, a alcançaria? Nosso Senhor Jesus Cristo caminhara pelas águas.

Eis que pressinto outro ser vivo (minha outra companhia, aquela sob o umbral, há muito não respira) a partilhar comigo o imprevisto cenário: uma ratazana. Olhos esbugalhados agita-se o bicho num nadar histérico. Busca um ponto de salvação e para isso tenta chegar à cômoda, ainda seca em sua superfície. Com o guarda-chuva facilito-lhe o objetivo. Olho para o limiar que leva à sala, o pequenino embrulho continua ali; o fino pano branco a envolver seu conteúdo não se soltou, a água o moldou mais a ele, definindo melhor seus contornos. Coração apertado, pernas enregeladas, vou me aproximando, esquadrinhando com a ponta do guarda-chuva o que há abaixo e sobre o aquoso terreno. Quero chegar à cozinha, pegar alguns alimentos, para isso preciso passar pela sala. Jogo o cobertor sobre o corpinho que não se moveu – não se aproximou ou se afastou, permanece ancorado sob a ombreira – e num passo grande e cuidadoso lanço-me à peça seguinte. Minha companheira de infortúnio, até então em resignado silêncio, começa a guinchar.

Na sala, monástico aposento, apenas um pequeno sofá vermelho (as turvas águas já repousadas sobre ele) e a mesa que me serve às refeições. Em seu tampo, ainda intocado, a louça da noite anterior que eu mesmo lavara, minha Bíblia e o caderno onde elaboro o rascunho de minhas prédicas, que quando terminadas, datilografo.

Junto à mesa, a pouca herança deixada pelo primeiro religioso a habitar a casa: uma cadeira nonagenária. Jamais tocada por cupim, mantém-se firme, indiferente ao que

devagar engole o aposento, a casa, o mundo em torno dela. De repente dou um riso nervoso: parece que vejo, por rápido instante, nela sentado, o gordo cônego Eusébio.

Cheguei à cozinha. A porta dos fundos aberta pela força da inundação, Por ela deve ter entrado quem agora melhor repousa sob o cobertor que lhe pus. A água espelha uma forma retangular, e nela uma esplendência cuja origem não vem só da comum natureza, mas em sua tessitura percebo a mesma cintilação que exala do véu da Virgem, uma harmonia perfeita, única, entre o etéreo e o concreto. Adentro o fulguroso retângulo e vejo, próximo à casa, o fusca azul usado para o ministério.

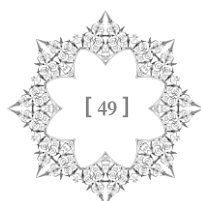
O que dele resta visível está dos para-lamas para cima. Penso no Nautilus, parte da bélica carcaça submersa, à espera, à espreita; o extraordinário Nautilus em que embarquei tantas e tantas vezes ao descobrir “20.000 léguas submarinas” na bibliotecazinha de minha primeira escola. Sinto o fluídico lençol ondear em torno de mim, subiu um pouco além da minha cintura. E não sou um sujeito baixo.

Volto meus olhos de novo para fora, e, por trás e além do que emerge do fusca, estende-se o alto morro em cujo pé nasceu e cresceu o cemitério de Moreira. A escura elevação rochosa encobre a si e aos seus de uma pesada sombra. Será de culpa, vergonha? Afinal, se há anos os enterrados tiveram ali colo protegido, não se vê mais o suave aclive em que o terreno do cemitério eleva-se até emendar-se a ela. Por ter represado as águas transbordadas, mudou-se em enorme lápide, triste memorial aos moradores daquele recanto. Quanto a esses, vejo-os agora, estão entre pontas de cercas, de pedras tumulares, de estátuas de Cristo, santos e anjos. Como despojos de um naufrágio presos a uma enseada, adejam num vapor barrento, despidos ou não de suas carnes.

Solto um risada longa e alta, o discernimento me é concedido, e a razão do que ocorre a mim é revelada: Abençoados estão a ser os mortos em Renovado Batismo, as Primeiras Coisas passaram, Deus sela com eles uma Segunda Aliança.

A enchente de 1971 foi uma das piores na região. As águas que cobriram Moreira demoraram dois dias para baixar, antes disso elevaram-se rápido e a ponto de muitos se obrigarem a buscar refúgio nos telhados de suas casas, ou de onde se encontravam no momento da enxurrada. Embora quinze corpos tenham sido recolhidos – alguns deles

apenas muitos dias após a tragédia – fechou-se o número de vítimas em dezesseis, acrescentando-se entre elas o jovem e estimado padre Eduardo, de quem até hoje não descobrimos o destino.





APRESENTAMOS O CONTO
A SUSPENSÃO DA DESCRENÇA

Por Maikon Barboza

Sobre o autor: Nascido em 1989, licenciado em História e Geografia e especialista em Arqueologia, Maikon Barboza é professor e escritor de horror. Lovecraft, Mary Shelley, Stephen King, Clive Barker e William Peter Blatty são alguns nomes cujos pesadelos escritos o inspiraram a criar os seus próprios. Seu conto de estreia "O Último Arquivo do Caso 416" foi publicado pela Revista D-Arte Londrina em 2020. O autor escreveu "A Suspensão da Descrença" durante uma pausa no processo de criação do seu primeiro livro; uma antologia de contos com publicação prevista ainda para 2021.

Quando chegou à cena do crime às 22h15, o detetive Aleksei Melnik não imaginava que ainda era capaz de sentir-se horrorizado. Dez minutos após entrar na casa abandonada que era o número 145 da Wintonbury Avenue, ele chegou à conclusão de que aquela era a pior cena de crime em que já estivera. Esse era um ranking que os policiais da 64ª DP costumavam discutir e que ele abominava. Estar do lado de dentro do cordão de isolamento era sempre uma situação de merda; só havia podridão, decadência e sangue. Geralmente muito sangue.

Mas ele abria exceção para o que, até aquela noite, ele considerava sua pior cena de crime: o suicídio coletivo de um grupo religioso em uma propriedade rural para os lados de Windsor. A imagem de duzentos e setenta e dois corpos enfileirados (incluindo sessenta e cinco crianças) era difícil de esquecer; o cartão de visitas para o pior que Hartford tinha para mostrar. O laudo pericial indicou envenenamento por cianeto de potássio; uma morte rápida, porém dolorosa. Haviam escolhido a área arborizada sob um pomar para - segundo o texto encontrado junto ao corpo do líder da seita - se libertarem de suas prisões de carne e alcançarem uma forma superior de vida. Alguns "fieis" usavam rifles M82 a tiracolo, abrindo a hipótese de que na última hora um pouco de persuasão havia sido necessária.

Aleksei mal dormiu pelas semanas seguintes. Entre um pesadelo e outro, ele via as crianças. Dezenas de crianças deitadas inertes no gramado sob as macieiras. O estresse causado por esse caso atingiu seu auge quando, um mês depois, ao encurralar um molestador fugitivo, o detetive não hesitou em enfiar uma bala entre os olhos do suspeito já rendido e imobilizado. Houve um julgamento, muita pressão da imprensa e, por fim, o júri se decidiu pelo afastamento compulsório até o parecer positivo de um terapeuta. Um ano depois, Aleksei estava de volta, e esse era o segundo caso que assumia. Às 22h25 daquela noite, o detetive refletiu se seu retorno não havia acontecido cedo demais.

— Já viu algo assim, detetive? — disse o perito, tirando Aleksei de seus devaneios — Em vinte e cinco anos na polícia, eu nunca vi uma bagunça dessas. Tivemos que contar os membros espalhados para chegar ao número de vítimas. São seis, ao todo. Foram encontrados por um sem-teto que procurava abrigo entre os escombros.

— Quem são eles? — perguntou o detetive, fazendo um esforço descomunal para manter o jantar no estômago.

— Adolescentes da vizinhança. Duas garotas e quatro garotos. Três deles já foram identificados; a identificação dos outros dará mais trabalho. Consegue imaginar o motivo.

Aleksei assentiu. Olhou em volta, absorvendo os detalhes da cena grotesca que o cercava. O cômodo em que estavam era um saguão de entrada com pé direito alto e uma escada ampla que levava aos andares superiores da casa. Em outros tempos devia ter sido um lugar suntuoso; agora se encontrava sob centímetros de poeira, entulhado de móveis quebrados e decorado com pichações obscenas.

A decadência do lugar passaria despercebida, se comparada com a carnificina que deixara sangue, membros e órgãos espalhados por todo saguão. Era difícil saber onde olhar. Havia um tronco humano ainda com parte da cabeça jogado de qualquer jeito sobre uma cristaleira vazia e uma profusão de pernas, braços e cabeças espalhados pelo cômodo. O único corpo inteiro - de uma jovem (vinte anos, talvez?) usando jeans e botas de couro — havia sido escavado na região torácica como uma abóbora no Halloween. O conteúdo interno do abdômen estava no chão, ao lado do corpo. O resto era sangue. Vermelho vivo, correndo pelo chão, pingando de mesas, manchando estofados. O cheiro de ferrugem era pungente. O estômago do detetive revirou outra vez.

— Temos um problema. — o perito havia saído e voltado com um punhado de fotos na mão — Identificamos as outras vítimas e tem pelo menos vinte familiares querendo entrar aqui. Não dá, Melnik. Não podemos deixar que vejam os filhos assim.

— E vão alterar a cena do crime inteira. — disse Aleksei tentando soar prático — Vi que a perícia já marcou e fotografou tudo. Agilizem a remoção dos corpos. Eu me viro com as pistas que conseguir e com o que aparecer na autópsia. O legista vai querer reconstruí-los antes do reconhecimento. Afaste todos daqui. Atire para o alto, se precisar. Preciso de meia hora sozinho na cena. Depois vocês podem voltar e coletar as evidências.

— Ouça uma coisa que talvez ajude, detetive. — acrescentou o perito antes de chegar à porta — Os membros apresentam marcas de distensão no ponto de ruptura. Não foram cortados ou serrados. Foram arrancados. E não me pergunte quem ou quê teria força suficiente para isso.

Lá se vai meu plano de começar pela arma do crime, pensou Aleksei. Era impossível que o assassino tivesse usado as mãos nuas. E um objeto capaz de arrancar membros teria que ser algo grande. Nada que ainda pudesse ser visto no cômodo. Teria que vasculhar a casa inteira.

O trabalho de remoção dos corpos foi minucioso e exaustivo, mas em uma hora e meia todos haviam sido levados. Aleksei ouviu um grupo de policiais conversando ao lado de fora da porta. Ele calçou as luvas e começou usar sua meia hora.

Vasculhou cuidadosamente cada canto do saguão, sem encontrar nada que pudesse desmembrar uma pessoa. Expandiu a busca para ferramentas de corte, sem sucesso. Estava se preparando para subir ao andar de cima, quando algo chamou sua atenção.

Em um canto, marcado pela perícia como "Evidência 19", estava um tabuleiro Ouija. Feito de madeira escura, o retângulo usado por crianças e místicos para brincar de falar com espíritos estava manchado de sangue e quebrado nas pontas. Com um meio sorriso, Aleksei pegou o tabuleiro. Agora sabia o que o grupo de adolescentes estava fazendo naquele casarão abandonado. Sabia disso porque o tabuleiro era a única coisa naquele cômodo que não estava coberto de poeira. Alguém o havia trazido de fora.

Girou o objeto nas mãos e se deteve ao olhar a parte de trás da tábua. Havia algo desenhado com pincel: um pentagrama invertido com um símbolo do infinito no centro. O detetive nunca havia visto algo dessa natureza. Nem mesmo em crimes de ocultismo. Outra ponta solta no caso. Fez uma anotação mental sobre pedir à alguém para pesquisar o símbolo.

Deixou o tabuleiro onde o encontrou, acendeu a lanterna e subiu a escada para o andar superior. Abriu a primeira porta que viu e entrou. Aqui a desordem e sujeira se repetiam; o lugar era amplo e parecia um quarto. As paredes estavam cobertas com pichações e manchas de umidade. Caminhou iluminando o chão imundo com a lanterna sem nada encontrar. Se voltou para a porta, decidido a entrar em um dos outros quartos, quando ouviu algo que fez seu coração perder um compasso.

— Eles nos obrigaram a tomar o veneno. — disse uma voz infantil vinda da escuridão — O Messias e os homens maus com armas. Disseram que nos matariam de qualquer jeito.

De um salto, Aleksei iluminou o canto mais escuro do quarto e não havia ninguém. Ouviu risos infantis do lado de fora da porta. Então quando sentiu as pernas recobrem a sensibilidade, ele decidiu que correria escada a baixo, sairia pela porta e colocaria a maior distância possível entre ele e aquela casa maldita.

— Hey! Cara... — uma voz masculina chorosa veio das sombras outra vez — Eu já tinha me rendido, cara... Você abriu a porra de um buraco na minha cabeça. Isso não se faz, meu camarada.

O medo fechou a traqueia do detetive, suas pernas tremiam e ele sentiu a bexiga ceder.

Incapaz de se mover, ele considerou gritar. Talvez um dos policiais o ouvisse. Só precisava reunir fôlego. Um único grito seria o suficiente. Eles viriam correndo.

— Talvez seja melhor não gritar, detetive Aleksei Melnik. — a voz que ouviu dessa vez era grave, gélida e rouca — O horror dessas vozes não se compara a mim. E não há nada a temer. Não para você.

Horrorizado, ele viu as sombras se adensarem e delas um homem surgir. Velho, mais alto que Aleksei em pelo menos meio metro; ele estava nu, com exceção de uns poucos farrapos que vestia. De seu queixo pendia uma longa barba cinzenta que cobria seu peito; e seu adereço mais impressionante era uma alta coroa dourada que usava sobre os cabelos longos e emaranhados. Ele se adiantou a passos lentos em direção ao detetive, que à luz oscilante da lanterna, pôde ver com mais clareza os traços da horrível criatura.

Uma baba dourada vertia de sua boca entreaberta e escorria pela barba, pingando no chão. Um dos lados de seu tórax estava aberto, como um tronco de árvore apodrecido, e seu interior fervilhava de pequenos vermes também dourados. A coroa que usava não era um adorno, mas sim, parte da cabeça do velho. Como se a houvessem forjado sobre a fronte que a usava; ouro escorrido e solidificado marcava seu rosto encarquilhado desde a testa.

A força abandonou por completo as pernas do detetive, que cederam, fazendo com que ele caísse desajeitado diante da monstruosidade saída das sombras.

— Quem é você? — ele conseguiu balbuciar.

— "O homem não pode servir à dois senhores..." — o velho disse quase distraidamente.

— "...não podeis servir a Deus e a Mammon". — Aleksei completou.

O velho assentiu.

— Mammon. — repetiu anestesiado, com o olhar vago.

— Reis e magos já me convocaram para pedir favores. — a voz da coisa soou carregada de desprezo — Então pode presumir minha descrença, quando me vi diante de tolos que mal sabiam meu nome ou as fórmulas de proteção contra mim. Eu os matei e me alimentei de sua dor. E agora, Aleksei Melnik, é à você que ofereço um favor.

O detetive não teve forças para nada, a não ser continuar fitando aqueles olhos que lembravam pedaços de carvão incandescente.

— Você deixará esta casa com sua vida intacta. — o demônio continuou — E posso cobri-lo das riquezas que desejar. Trabalho em uma grande cidade. Nova York, talvez? Os casos mais difíceis serão atribuídos à você e você vai resolvê-los com louvor. Considere, detetive, que estará tornando o mundo um lugar melhor. E peço apenas uma pequena coisa em troca.

— Minha alma? — pareceu óbvio demais para Aleksei, mas foi tudo que seu cérebro anestesiado pelo medo conseguiu deduzir.

— *Sua alma?* — o demônio gargalhou e sua risada ecoou pelas sombras — E por que eu iria querer sua alma, homem? Ela não me serve de nada. O que quero em troca é algo de natureza mais prática e crucial. E sinceramente, você não tem escolha. Se recusar, seu corpo se juntará aos outros na mesa de seu colega legista.

— Você deixará essa cidade para sempre e esquecerá nosso encontro. Nunca mais irá dizer, escrever ou mencionar meu nome. Eu saberei se o fizer. — o tom de ameaça era indiscutível — Viva sua vida, salve outras, leve criminosos à justiça; mas não importa o que ouça ou veja sobre essa cidade, nunca mais volte.

— Só isso? — Aleksei ousou perguntar ao demônio — Digo, por que me deixará ir? Vi o que você fez lá embaixo. Por qual motivo vai me poupar?

— Quando eu terminar o que farei com essa cidade, quero que alguém saiba que fui eu. — o velho respondeu — Você será minha testemunha. Se quiser entender assim.

Um silêncio perturbador se estendeu por minutos que pareceram infinitos. Só restava ao detetive considerar a *proposta*. Pesou o quanto da culpa pelo que aconteceria à cidade seria dele, e decidiu que não era problema seu. Que escolha ele tinha? Morrer dolorosamente e ainda assim não mudar o que quer que estivesse por vir?

Pensou em cada caso investigado por ele. Os resolvidos e os arquivados. Toda violência, todo sangue, lágrimas e desespero. Pensou nas crianças que habitavam seus pesadelos há mais de um ano. Em todos aqueles pobres infelizes deitados sob as macieiras. Talvez tantas mortes, dor e podridão atraíssem coisas como aquela que estava diante dele. Isso não era sua culpa.

Aleksei olhou o demônio nos olhos e assentiu.

— Ainda hoje você receberá a proposta de transferência para Nova York. — o velho disse — Não leve nada de sua antiga vida. É um novo começo para você, detetive.

— Como posso saber que é verdade? — o detetive perguntou — Que isso está realmente acontecendo? Que você é real?

— Ainda não acredita em mim? — o velho perguntou rindo — Você quer uma garantia e a terá. Trarei de volta os jovens que matei. Todos eles.

— Mas não sobrou...

— Sobrou o suficiente. — o demônio o interrompeu — Se as cicatrizes não forem um problema.

— Agora se recomponha, detetive, e saia. Se cumprir sua parte em nosso acordo, essa será a última vez que nos encontramos.

Aleksei precisou levantar para descobrir que voltara a sentir as pernas. Percebeu com desconforto as calças molhadas. Estava em um estado lastimável. Se obrigou a olhar para frente; por algum motivo acreditou que o velho iria se despedir. Mas estava outra vez sozinho no quarto imundo e escuro. O que ele estava pensando? Que o demônio iria apertar sua mão antes de partir?

Ele saiu para o corredor banhado pelo luar que entrava por um pedaço de telhado quebrado, e no segundo seguinte, os últimos minutos lhe pareceram o delírio de uma mente perturbada.

Poderia ser verdade que havia encontrado um demônio no quarto escuro, que confessou os crimes e ainda lhe ofereceu um pacto em troca de quase nada? *Estou enlouquecendo*, pensou.

Desceu a escada com dificuldade. Sentia dores por toda parte. Atravessou o saguão sem olhar para os lados. Não queria ver aquele sangue todo outra vez. Estremeceu ao

pensar na garantia que o velho havia dado. Achava que enlouqueceria se, ao sair pela porta, se deparasse com os corpos revividos dos jovens mortos. Isso era loucura.

Mas mal havia posto os pés para fora da casa e percebeu o perito vindo em sua direção; meio trôpego, lívido como uma vela, e quando falou teve dificuldade em articular as palavras.

— Cara... — ele começou, e pareceu incerto se devia continuar — Você não vai acreditar no que aconteceu.

E caiu desmaiado. Aleksei, por sua vez, entendia. Ele acreditava.

Nos anos seguintes, quando ele e o resto do mundo assistiram horrorizados os crimes hediondos e as tragédias inexplicáveis que quase varreram sua cidade natal do mapa, Aleksei se perguntou como, naquela noite sombria, ele quase não acreditou.



A person wearing a black hoodie and a black mask is walking through a dark, wooded area. The ground is covered in red blood splatters, and the trees are also splattered with blood. The overall atmosphere is dark and ominous.

APRESENTAMOS O CONTO

○ GRITO DO MAPIINGUARI

Por Ney Alencar

Sobre o autor: Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Graduou-se em direito pela Univali em 1992, Advogado, Professor, Pintor e Psicopedagogo. Participou de exposições individuais em Santa Catarina e no Paraná. Tem contos publicados em 05 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II e IV, O Livro dos Mortos e Van Helsing Caçadores de Monstros) e participou de 09 antologias de contos (Portais, Excalibur, Phantastikós, Terra do Nunca, Smash, Horror Além da Compreensão, Bestiário, Malditos Lobisomens e Era uma Vez).

1869, Fazenda do Poço dos Patos.

A Fazenda do Poço dos Patos era grande e bela! Encravada entre a Serra do Mar e o baixo Rio Negro, suas margens no leste faziam divisa com os limites municipais de Recife Velho.

No coração de suas terras, nos píncaros da Serra da Jacarará, nascia o Rio das Capivaras, que cortava a região e desembocava no mar, atravessando a cidade de Recife Velho com seus dedos compridos e assombrados. Em suas terras abundava o gado criado, gordo e aruá e em suas matas fechadas como breu corriam caça de todas as formas e tipos. Seu dono era o Tenente-Coronel Alvo Alcântara da Cunha, Barão de Suassuna. A casa grande, imponente e velhíssima, abarcava o nó de todas as estradas da região. Sua fachada branca e alta dominava as terras que se estendiam por aqueles sertões abandonados.

A noite se espalhava ao ser redor como um oceano de águas negras. No terreiro atrás da casa grande as línguas de fogo de uma fogueira lambiam as réstias da escuridão da noite! Os mateiros e caçadores reuniam-se ali em roda para fumarem e contarem suas histórias de caçador. O vulto do velho índio Caxiúna levantou-se e andou ao redor da fogueira, tirando baforadas de seu cachimbo de sabugo de milho. Voz raspante descobria os mistérios da mata virgem não tão distante.

Quando calou todos olharam para o preto velho com a cabeça bem branca, fumando um pito de barro com um cabo comprido, afamado feiticeiro daquelas bandas deste os idos da juventude do Barão.

Estava quieto no seu canto! Levantou os olhos para o grupo de roda. Pitou o cachimbo devagar e contou:

- Já faz muito tempo, quando era novo, e estava aqui em roda desta fogueira, como vosmecês estão hoje me escutando! Quem contou foi Pedro de Xangô, caçador valente que não fugia de Curupira nem de Anhangá! Ele contou e mostrou as marcas do bicho! – o preto velho soltou uma baforada no ar da noite.

Foi época de Quaresma, quando ele o Benedito Jacupira e o Bastião do Santo foram caçar pras bandas da Serra do Cipó. Época de lua cheia, foram bem provisionados para uns bons dias no mato.

Passaram pro outro lado da Serra da Jacarará e seguiam no sopé da Serra do Cipó. Andaram muito, mas não encontraram caça. Pedro caçara um tatu, Bastião uma cotia. Não encontraram veado nem anta.

Por volta do meio-dia o mormaço tomava conta de tudo. Uma dormência que encantava e adormecia até os animais mais ariscos. A floresta fechada era virgem de homem! Suas terras nem os índios haviam pisado. A penumbra dos troncos não deixava passar o sol, só réstias escorriam. Se perder ali era morrer!

A mata fazia silêncio para ouvir eles melhor. Nem caxambira, nem bacurau, nem matinta piava por ali.

Só os pés arrastando dos três caçadores. Era uma coisa de dar medo mesmo, a solidão!

Ouviram uns barulhos ocos e baixos, bem da direção de onde haviam vindo. Barulhos de quebra galho e arrasta folha e gente andando. Pararam!

Pedro sentiu calafrio horrível passar pelo corpo e quase saiu correndo, se controlou e ficou quieto.

A solidão é assombração terrível! Quando pararam os barulhos pararam. Ouve tempo de silêncio. Espera!

Ficaram parados por um tempo grande, não ouviram mais nenhum barulho, nem de bicho nem de pássaro.

Continuaram o caminhar, mais devagar, com mais cuidado. Pedro parou. Escutando! Os outros pararam.

Ouviu gente andando. Pelo caminho atrás deles. Parou quando pararam. Sussurrou aos amigos que tinha gente seguindo eles.

Bastião balançou a cabeça duvidando. Levantou a espingarda e disse que ia dar uma olhada. Os outros esperavam ali. Com sorte pegava alguma coisa.

Concordaram. Bastião se levantou e desceu pelo caminho por onde tinham vindo.

Sua sombra misturou com as outras, desapareceu na mata. O silêncio cresceu, antecipando coisa ruim.

Recostaram nos troncos e esperaram. Passou um tempo sem ouvirem nada.

Subitamente barulho enorme rasgou o silêncio e os fez cáirem sentados com surpresa. Gritos altos, soltos e curtos, horríveis. Os ecos vinham de toda parte e os deixaram atordoados. Não eram humanos.

Em seguida ouviram um grito somente, diferente dos outros, alto e sonoro, desesperado que culminou em um soluço de agonia. Era Bastião!

Pedro correu como um veado corre dos cães de caça. Não tinha trilha para seguir só se embrenhou mais na mata fechada. Correu até que deixou de ouvir os gritos roucos. O silêncio voltou a encher a mata.

Um silêncio assustado, carregado de medo! Parou e ouviu de novo, não conseguiu escutar nada. Apercebeu-se que estava sozinho! Perdeu Benedito de vista quando correu. Deixou-se cair à uma raiz.

Que bicho era aquele? Não era onça, não era miados de onça aquilo que ouvira. Não era Curupira. Ele não gritava daquele jeito! Não era Anhangá, já havia visto uma vez na mata escura em noite de lua cheia perto da Floresta dos Macacos. Ele tremia sem conseguir parar. Que bicho era aquele?

Puxou pela memória tentando lembrar. Não lembrava! O medo não deixava!

Demorou até conseguir recobrar o controle do próprio corpo. Sentiu lágrimas amargando a face. Gostava do Bastião! Amigo de infância, já havia salvado sua vida muitas vezes, nunca havia conseguido retribuir. Agora não poderia mais! Precisava encontrar Benedito e sair dali.

Mas como? Não podia chamar o outro senão aquilo que estava seguindo ia acabar encontrando ele.

Parou! Escutou! O silêncio havia voltado. Tentou escutar algum barulho de alguém andando atrás dele, não ouviu nada. Nem respirar ele respirava. O medo o comia por dentro!

As árvores eram sombras pretas. Nem era de tardezinha e já escurecia. Era mata fechada. Era assim ali!

Resolveu subir em uma árvore. Poderia ver ao redor e ficar escondido do que estivesse seguindo ele.

Colocou a espingarda no ombro, olhou para cima. Estava ao pé de um jacarandá velho e parrudo. Deu um pulo e subiu. Chegou perto do topo. Olhou em volta. O céu claro, o vento forte, o sol alto no céu. Não eram duas horas da tarde. Ao redor só copas de outras árvores, mas embaixo de tudo aquilo uma coisa horrenda caçava. Calmaria apenas na superfície. Mergulhou a cabeça na mataria e olhou para baixo.

Não conseguia ver longe por causa das sombras e escuridão, via o tronco do jacarandá, descendo para a escuridão da mata. Ficou quieto, apenas ouvindo!

Percebeu um som estranho se aproximando devagar. Um matraquear cadenciado e baixo. Se aproximando da árvore onde estava. Não conseguia distinguir o som dos outros barulhos da mata. Muito tempo passou até que ele viu um movimento na escuridão ao redor do tronco do jacarandá. Tinha alguma coisa ali!

O medo voltou correndo como um cavalo xucro! Quase perdeu o equilíbrio. Se caísse morreria, tinha certeza disso. Fosse o que fosse estava ali embaixo, iria fazer com ele a mesma coisa que fez com Bastião. Não conseguia ver o que estava ali embaixo. Usou um pouco da malícia de caçador. Fechou os olhos por uns minutos e abriu devagar embaixo da cobertura verde. Os olhos se acostumaram com a escuridão. Viu um vulto de homem andando em volta do tronco do jacarandá, andava como se farejasse.

Não conseguia ver direito, subitamente um vento forte abriu um buraco na teia de galhos e uma réstia de sol desceu iluminando o pé do jacarandá. Quase caiu com o susto ao ver o que estava lá embaixo.

Não era homem, agigantado, coberto de pelos negros, unhas grandes e pretas como garras. A coisa olhou por um momento para cima, fazendo um barulho gorgolejante como se maldissesse a réstia de sol.

Tinha apenas um olho, não tinha boca, não como os homens têm, em seu ventre cabeludo abria-se uma gigantesca boca, descomunalmente cheia de dentes brancos descendo pelo nariz até o estômago.

Mastigava alguma coisa! Uma coisa disforme, como uma bola avermelhada. O choque da descoberta assaltou implacavelmente o caçador! Mastigava a cabeça de Bastião! Horror e morte!

Teria caído se outro barulho alto não o despertasse de seu estupor mortal! Um chamado alto. Alguém o chamava! Aquilo lá embaixo também ouviu. Alguém chamava seu nome. Benedito devia estar desesperado e recorrera ao último recurso para encontrar o amigo: gritar seu nome! Quando olhou de novo a coisa havia ido embora. Não podia gritar. Não com aquilo tão perto. Se gritasse para avisar Benedito a coisa ia ouvi-lo e voltaria para pegá-lo! Pelo som ele sabia que o amigo não deveria estar tão longe. Resolveu descer para encontrá-lo antes da coisa. Desceu devagar, medindo o barulho que fazia.

Quando chegou ao chão sentiu um cheiro horrível, um fedor de carne podre e suor muito forte. Era o cheiro do bicho. Seguiu correndo na direção do cheiro, tentando fazer o mínimo de barulho possível. Não sabia em que direção Benedito estava.

Parou! O bicho estava dando a volta! Um frio horrível tomou conta dele. O medo o fez se abaixar. Estava caçando eles. Estava dando a volta para pegar Benedito por trás. Era esperto mesmo!

Olhou em volta. Ouviu o chamado de Benedito gritando seu nome. Bem perto. Olhou ao redor, estava vindo na sua direção, o que quer dizer que o bicho já estava emboscado esperando. Não podia se mexer!

Quando o vulto de Benedito apareceu já era tarde demais. O vulto do bicho se destacou mais escuro e bruscamente atacou o homem. Benedito não teve nem tempo de gritar. O bicho não atacou em silêncio, soltou um berro alto, curto e horrível que atordoou Benedito e o deixou sem ação à mercê do atacante. Quase desmaiou com o susto do berro! O bicho agarrou o homem, colocou o corpo embaixo do braço e enfiou a cabeça dele na bocarra aberta. Pedro quase desmaiou quando o viu mastigar a cabeça do amigo.

Não ousava se mexer com medo que o bicho ouvisse. Precisou ficar ali durante todo o tempo em que a coisa se alimentou, arrancando grandes pedaços de carne da vítima e devorando-os sofregamente com uma fome insaciável. Já havia quase terminado quando Pedro, tomado pela tristeza e desespero acabou soltando um suspiro mais alto!

O bicho levantou a cabeça, ouvindo. Olhou diretamente para onde Pedro estava. O caçador sabia que se não fugisse naquele momento estaria perdido, se levantou e correu!

Fugiu com todas as forças correndo desabaladamente sem direção pela escuridão da mata. Procurou árvore mais forte encontrou um angelim vermelho grosso e alto. Subiu pelo tronco encarapitando-se perto da copa. Ouvia os barulhos do bicho que o seguia. Até que o silêncio voltou devagar.

Sabia que o bicho estava embaixo da árvore. Fechou os olhos e abriu-os de novo debaixo da copa, viu um vulto parado ao lado do tronco e parecia olhar para cima. Não sabia se o bicho podia subir em árvores, esperava que não. Não havia para onde fugir. Precisava se lembrar das histórias que conhecia, lembrar que bicho era aquele. Tinha certeza de que sabia. Não eram muitos os horrores da mata!

Não era lobisomem, nem mula sem cabeça, nem Boitatá. Nenhum deles era daquele jeito.

Havia um sobre o qual ninguém falava, era chamado Mapinguari, sobre ele os índios seus amigos nunca falavam. Só diziam que tinha um cheiro insuportável e comia gente. Devia ser aquele ali!

O tempo passou. A noite cobriu a mata. Era preciso ter o dobro de cuidados. O bicho podia subir pelo tronco enquanto ele dormia. Perto da meia-noite ouviu um barulho forte e alto no pé da árvore.

Parecia ronco forte. Esperou até que a curiosidade foi mais forte. Desceu alguns galhos. A lua estava alta no céu, gorda e cheia! O luar iluminava o chão da mata. Foi então que viu o bicho encostado no tronco, o olho fechado e da boca fétida um ronco horrendo. Estava dormindo!

Pedro não esperou. Agarrou-se ao tronco, escorregou devagar pulando sobre as pernas peludas do bicho. Sentiu uma mãozona o agarrar pelo braço esquerdo e com um repelão soltou a mão. O braço ardia e doía, mas não parou. Caiu no chão e fugiu correndo. Correu até sentir o peito queimar e continuou correndo.

O fôlego faltou-lhe, não diminuiu a velocidade. Correu mais depressa, o medo o carregava em suas asas! Correu pela escuridão da mata iluminada pela luz da lua cheia. Não ouvia nada atrás de si, não parou um instante. Correu até que o chão sumiu embaixo de seus pés e caiu por uma ribanceira nas águas geladas do Rio Negro. Deixou a correnteza levá-lo e saiu na margem oposta. Já amanhecia o dia.

Mesmo assim não parou até que chegou novamente nas terras da fazenda. Eu estava parado bem na porta de trás da casa grande quando saiu da mata. Estava em farrapos, sujo e fedia muito com uma catanga que nunca havia sentido antes. Ouvimos sua história, quase ninguém acreditou. Todo mundo pensou que havia se perdido na mata e ficara meio doido por ficar tanto tempo sozinho, a verdade é que Benedito e Bastião nunca mais foram vistos.

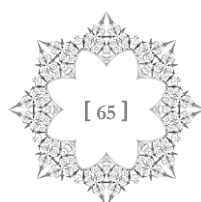
— Ele mostrou as marcas das unhas no braço! – contou o preto velho com a voz assustada – Nunca havia visto nada como aquilo antes! E a catanga que tinha quando voltou da mata. Nunca vi bicho feder assim!

— Decerto viu o Anhangá! – falou João Jalapão rindo à solta.

Os outros ao redor também riram alto. Só o índio Caxiúna não riu! O preto velho ficou sério.

Do fundo da floresta mais distante veio um som, um eco fraco, trazido pelos ventos da noite que corriam assustados. Um som que emudeceu todos em volta da fogueira e fez tremer o negro velho.

Grito distante, solto, curto e horrível que se repetiu até morrer na distância! O grito do Mapinguari!





APRESENTAMOS O CONTO

O PESCADOR DE HOMENS

Por Ney Alencar

Sobre o autor: Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Graduou-se em direito pela Univali em 1992, Advogado, Professor, Pintor e Psicopedagogo. Participou de exposições individuais em Santa Catarina e no Paraná. Tem contos publicados em 05 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II e IV, O Livro dos Mortos e Van Helsing Caçadores de Monstros) e participou de 09 antologias de contos (Portais, Excalibur, Phantastikós, Terra do Nunca, Smash, Horror Além da Compreensão, Bestiário, Malditos Lobisomens e Era uma Vez).

O Bar do Albatroz ficava no fim da Rua do Cais em São Thomé das Almas. Não era lugar conhecido nem fácil de encontrar, sua tabuleta com a ave pendurada podia ser vista nas noites de lua na ponta do cais.

Era igual à qualquer outro bar do cais do porto, sua porta velha e descolorida, janelas foscas e esfumaçadas, balcão em madeira negra e ensebada, luzidia e o salão do bar de as mesas sempre cheias.

Lugar frequentado por velhos marinheiros e pescadores da região, homens ressequidos do sol e sal marinho, que passavam vidas navegando pelas águas assombradas das marés de Recife Velho. Se reuniam nas noites a contar histórias de pescaria e fantasmas e beber aguardente forte e rum envelhecido.

Seu dono fora pescador, diziam que era bem velho e que fora antigo deus do mar que perdeu os adoradores e acabou jogado à praia naquele lugar, outros diziam que havia sido marinheiro que navegara por aquelas costas à época das grandes descobertas, enfim se cansara do mar e abriu aquela taverna, ninguém sabia seu nome, ninguém nunca lhe perguntava! Chamavam-no apenas por patrão!

Certa noite de lua cheia, tempestuosa, de solstício de primavera, velho falastrão Mão de Gancho, pescador idoso, beberrão e indolente, levantou-se e iniciou conto da lenda do Pescador de Homens:

— É monstro terrível vindo das lendas antigas do velho mundo pra cá por causa do Cristo Branco!

Do fundo do bar, das sombras além, veio risada alta que quebrou o clima da história.

— Ah, velho, são só histórias! Há várias assim que se contam nos barcos durante as horas de vigília!

— Que sabe dessas coisas Ernesto? — perguntou o velho zangado por ter sido interrompido — Você nunca foi além do mar aberto! Eu já fui além do horizonte!

— Sei o que tem lá! — retrucou Ernesto vindo devagar para perto da mesa do outro — Eu vi!

— O que você viu? Sombras e manchas? — riu o outro fazendo troça, tomando cachaça.

— Eu o encontrei uma vez! — tomou um gole da aguardente e aproveitou o silêncio do salão — Dizem que é fantasma que foi capitão de navio, nos dias da caça às baleias, quando havia piratas de verdade nos mares, e que ficou encantado por uma sereia, ela fugiu e ele se amaldiçoou por isso. Desde então sai nas noites de lua cheia e leva para o fundo do mar os pescadores que se aventurarem à pescar nessa noite.

— Conversa fiada! – retrucou o outro, badalando a cabeça velha.

— Não é não. Eu vi! Se lembra do dia do desastre do Golfinho?

O outro silenciou. Todos se lembravam do desastre de quarenta anos atrás, ainda os assombrava, ainda apertava seus corações com a perda.

— Isso não tem nada a ver com o pescador de homens, rapaz! — falou o velho com a voz engasgada.

— Tem tudo a ver sim! — replicou Ernesto — Eu estava lá! Fiz pouco caso da história! Ri junto com Carlos, Armando e José e lembro que foi você que me chamou a atenção e contou essa mesma história! Eu não quis ouvir, era jovem, sabia tudo, podia tudo! Foi aí nessa mesma mesa que concordamos em sair para pescar. Não digo isso para me vangloriar não! O Carlos e o José estavam mais animados que eu!

Fez pausa, bebeu mais um pouco de aguardente.

Saímos no crepúsculo, enquanto outros barcos voltavam. Ouvíamos o barulho dos remos na água, ouvíamos suas conversas, suas vozes vindas da escuridão. Sabíamos que estavam lá apenas pelo ruído dos remos batendo na água. Nenhum nos seguia, todos voltavam para a praia. A lua veio e iluminou tudo. Vimos o último barco, do seu irmão Manoel, já ia passando quando perguntou pro Carlos se íamos pro mar alto. Carlos o desafiou à ir conosco, Manoel aceitou! Você estava lá, viu ele dando adeus, rindo!

Pegamos a corrente, deixamos o cheiro de terra pra trás. Em três horas chegamos àquele ponto que chamam de Poço Azul porque a profundidade faz a água ficar um azul escuro aterrador, quase negro.

A profundidade passava dos quatro mil metros, no centro havia pequeno redemoinho forte o suficiente para afundar um barco quatro vezes maior que o nosso, mas não íamos tão longe, queríamos pescar um pouco nas bordas, quem sabe conseguir algo que nos permitisse uns dias de descanso em terra.

Quando entramos senti um arrepio. Não era bom lugar para pescar com rede, Armando iscou duas cavalas, prendeu o anzol, jogamos as linhas. Os anzóis afundaram nas águas azuis. Éramos apenas nós e a lua e no meio o mar! Às vezes uma gaivota voava, procurando peixe, víamos barbatana no horizonte. Remamos até o meio do poço, longe do remoinho, puxando as linhas. Carlos puxou um velho livro de capa preta de uma caixa de ferro e abriu-o. José acendeu um lampião. Recitou Versículo do Salmo Vinte e Três: "O Senhor é o meu pastor e nada me faltará."

Ouvimos de olhos fechados a oração, ao nosso redor o calor do dia indo embora e um vento frio da noite como sussurro gelado em minha nuca, um olhar de reprovação, ao abrir os olhos vi a superfície antes lisa do mar, agora com ondas pequenas. Atribui as mudanças à distância do lugar e à solidão que pairava ali.

Carlos sentou-se novamente em silêncio e guardou a Bíblia na caixa preta de ferro.

Não ficamos em silêncio. Éramos jovens e a bravata corria em nosso sangue. Contamos histórias, rimos, bebemos. Já era quase meia noite quando as linhas começaram a balançar.

Vimos cardumes de peixes voadores, saltavam e zumbiam esvoaçando, assustados com alguma coisa. Súbito parte do mar clareou com fosforescência maligna das águas verdes, depois sumiu. Debrucei-me na amurada olhando para baixo, como se meu olhar desnudasse as vestes negras do mar a mostrar-me o que se escondia abaixo. Consegui distinguir as linhas brancas lisas e retas e a escuridão além.

Bolhas de ar assomaram à superfície e aquela parte do mar, dezenas de metros de circunferência ao redor do barco, agitou-se e enorme quantidade de peixes subiram à superfície, pulando e saltando pela superfície do mar, subitamente viva como se todos quisessem voar para o azul do céu. Sentimos leve tremor embaixo do barco, a caixa de ferro da Bíblia retiniu com barulho agourento, como se o barco fosse levemente abalroado por um grande, mas invisível peixe.

Um peixe mordeu a linha. A vara foi arrancada do barco com violência. Nos assustamos e o Carlos persignou-se. Mas então o peixe voltou e mordeu a segunda linha. José começou a recolhê-la. Era atum, grande e pesado. Carlos e Armando o puxaram para dentro do barco. Baixamos outras linhas além dos trezentos metros. Ficamos em silêncio. O poço azul era lugar assustador àquela hora da noite!

As águas escuras formavam prismas sob a luz da lua fazendo aparecer sombras e manchas escuras sob a superfície, como grandes peixes nadando embaixo do barco.

Todos dormiam, só eu fiquei acordado. Olhava o céu noturno, ouvi som diferente de tudo o que já ouvira. Um canto solitário, triste e sombrio. Vinha das profundezas negras debaixo do barco! Nunca vou esquecer aquele canto! Olhei pela borda, um encanto me puxava para baixo, o negrume das profundezas abissais era tremendo, alguma coisa ali me olhava de volta. Um espadarte deu um salto e quebrou o encanto.

Agradei, pois não fosse ele teria sido arrastado inexoravelmente para aquele lugar escuro e terrível. O canto cessou, os outros acordaram. Foi então que a coisa veio! Não

deveríamos ter ido tão longe naquela noite amaldiçoada! O homem não devia descobrir os segredos ocultos nas profundezas do mar. Descobri o terrível segredo do Pescador de Homens! A forma da mais aterrorizante das criaturas das profundezas!

Carlos foi o primeiro. Sequer vimos o que lhe aconteceu, sentimos o solavanco no barco e ele não estava mais lá. Corremos para a borda, já era tarde demais. Desaparecera! Um cheiro forte empestou o ar. Ficamos atônitos, a água ao redor do barco começou a borbulhar, surgiram coisas enormes, grossas como braço de homem coleando ao nosso redor, pilares de blasfemo horror. Tentáculos vindos das profundezas!

Agarraram Armando puxando-o para fora do barco, levando-o para as águas turbilionantes, engolfando-o com suas ondas salgadas. Nem teve tempo de gritar! O dorso dos tentáculos brilhou purpúreos naquele luar assombrado. Caí no fundo do barco quando aquelas coisas pegaram José e o carregaram. O ar marinho ficou saturado com seus gritos desesperados. Acredito que foi nessa hora que Manoel enlouqueceu. Eu o vi pular do barco para dentro daquele emaranhado de tentáculos serpenteantes e desaparecer com os outros. Eu fiquei sozinho. Esqueci a dor e o horror, fiquei de pé no meio do barco, arpão na mão, sabia que seria inútil contra aquilo que me aguardava nas profundezas escuras. Aquelas coisas serpenteando e chicoteando pelo ar à minha volta. Sabia que era questão de tempo até me agarrar. Foi o que aconteceu! Um dos tentáculos cruéis enrolou-se em meu braço. Lutei desesperadamente para me soltar, as ventosas eram como aço. Perdi esperanças, agarrado à amurada do barco, quase sendo tragado pelas águas revoltas quando tudo silenciou. O vento parou, o mar acalmou, a superfície ficou lisa como vidro, os tentáculos submergiram.

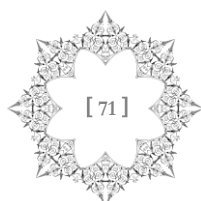
Acima do marulhar das águas veio um canto diabolicamente mavioso que pareceu amansar e encantar a besta que espreitava sob a superfície. O tentáculo me largou e deslizou para dentro da água, sumindo nas trevas. Tudo se acalmou como se fosse um sonho ruim! Sozinho eu remei, remei desesperadamente para longe daquele lugar amaldiçoado. Meus companheiros ficaram para trás! Ainda hoje me lembro de seus rostos! Ainda me assombram seus fantasmas!

As últimas palavras encerraram a narrativa e o pescador ficou em silêncio. O outro moveu-se desconfortavelmente e riu alto.

— É uma boa história Ernesto! — mofou o velho falastrão Mão de Gancho.

Ernesto não riu, um rubor subiu pela sua face detrás da barba branca. Os outros pescadores ficaram em silêncio, muitos desviaram o olhar. Ele não disse nada, levantou o

braço e abaixou a manga da camisa, mostrando à todos a grande e vermelha cicatriz da ventosa!



A person wearing a black hoodie and a black mask stands in a dark, wooded area. They are holding a chainsaw. The scene is heavily splattered with red, resembling blood, on the trees and the ground. The lighting is dim, creating a dark and ominous atmosphere.

APRESENTAMOS O CONTO

HONRA

Por Paulo de Barros Gabriel

Sobre o autor: Nascido em Sacramento-MG em uma família com mais três irmãos e uma irmã. Criado em Brasília-DF e sempre dividiu seus interesses entre ler e fazer esportes. Começou a escrever quando adolescente, mas escrevia pouco. Só foi começar a levar a sério a escrita a partir de 2018. É formado em História na UnB e pretende seguir carreira acadêmica. Tem um conto publicado na antologia "Insólito".

O cavaleiro arrastava-se pelas paredes da cripta. Estava ferido. Gravemente ferido. Poderia se dizer que ele estava preocupado com sua vida, buscando formas de sobreviver. Mas não, o guerreiro simplesmente se corroía por sua honra. O que pensariam os outros se ele chegasse de mãos vazias ao rei? Seu nome seria rejeitado nos quatro cantos do reino e sua família sofreria as consequências. Não, ele não podia falhar. Custasse o que custasse.

Sua armadura de placas de metal estava afundada na barriga, onde um grande corte se localizava. Fora uma garrada do monstro, após destruir seu escudo em um violento golpe. Nunca imaginara que enfrentaria um oponente tão poderoso. A criatura era conhecida como o Descascador, devido ao que fazia com os corpos de suas vítimas. Ela descascava a pele até ficarem só os músculos de fora, então as pendurava no teto de sua tumba. O Descascador era um morto-vivo e os sábios diziam que ele era o resultado da morte de uma pessoa muito ambiciosa, que ainda tinha muito o que realizar em vida. Assim, quando ele morreu, voltou para assombrar àqueles que negaram suas ambições terrenas.

Quando chegou aos ouvidos do grande cavaleiro chamado Andreas de Witt que essa criatura estava perturbando a região, ele não demorou em colocar-se como o protetor do reino e resolveu seguir para a cova da criatura para matá-la. Naquele momento ele tinha a plena confiança da vitória, como sempre em sua vida até então. Não contava com a tremenda brutalidade do Descascador. A luta durou menos do que um minuto. Andreas acertou alguns golpes, mas o contra-ataque do monstro foi fatal. Enquanto ainda tinha forças, o cavaleiro correu em meio à labiríntica cripta. A criatura era massiva e não muito ágil, portanto ele conseguiu se afastar e se colocar bem à frente da perseguidora.

Agora ele estava fraco. Perdera muito sangue e só conseguia rastejar apoiado na parede. Podia ouvir os urros do monstro lá atrás. Urros grotescos, que gelavam o coração do homem. Ainda mais na escuridão sinistra que o cercava, tudo ficava mais aterrador. Ouvir os passos pesados do monstro também não ajudava nem um pouco, fazia o cavaleiro se lembrar daquele corpo gosmento e escorregadio. Isso lhe dava calafrios.

O Descascador sentia o cheiro da morte à sua frente e queria adicionar mais um corpo para sua coleção de descascados. Além de urrar, ele bufava e batia contra as paredes. Estava furioso. Andreas já estava perdido há muito e não tinha esperanças de voltar, entretanto poderia levar a criatura consigo para o inferno. Sua honra ficaria intocada

e ele ainda se tornaria um mártir que morrera pelo bem do reino. Sonhar não custava nada, já a realidade era bem mais complicada.

Resolveu voltar. Se continuasse seguindo em frente chegaria um momento em que não teria mais força alguma, desse modo cairia ao chão e morreria facilmente nas mãos do monstro. Não, devia voltar enquanto tinha forças para brandir a espada. E foi o que fez. Seu coração disparou e ele sentiu calafrios por todo o corpo. Podia sentir a mórbida energia que provinha do Descascador, energia que lhe provocava um misto de nojo com medo. Era como se estivesse se deitando com uma pessoa morta. Fria e dura, com vermes passeando dentro da boca e nos olhos. Esse medo era uma coisa, outra coisa muito maior era o medo de manchar a reputação impecável de sua família. Como seu pai viveria tendo a pecha de progenitor de um homem que fracassara em livrar o reino de uma abominação? Pai de um homem que quebrara suas promessas, tanto para o rei quanto para sua esposa. O que é um homem que não cumpre com suas palavras? Não passa de um rato de esgoto. Não seria digno para um nobre como seu pai ter um filho desses, a cada encontro com homens dignos se sentiria embaraçado, diminuto frente a honra incólume de seus pares. E os outros certamente o tratariam com desdém. Isso não poderia acontecer. Nunca!

Avançou mais obstinado do que nunca em matar o morto-vivo. Que os bardos cantassem a canção de Andreas de Witt, o cavaleiro honrado que matara o Descascador e perecera no processo como um herói, um mártir de santa pureza. Aí sim a reputação de sua família estaria onde deveria estar, nas alturas.

Sentia a presença do monstro cada vez mais perto. Seus pesados passos ecoavam pela cripta. O horror indescritível estava a não mais do que trezentos metros de distância, aproximando-se lentamente. Agora não havia como mudar de ideia. Era enfrentar o terror ou ser pego pelas costas como um covarde. E Andreas mostraria ao mundo inteiro que não era um.

Com a aproximação de seu alvo, o cavaleiro começou a sentir com mais intensidade a pressão psicológica vinda do terror. Começou a fraquejar, a tremer. Berrou algumas vezes até arderem os pulmões. O suor corria por seu corpo como rios caudalosos e a falta de visão o estava deixando louco. Mais alguns passos e esbarraria com seu algoz, que não teria piedade alguma e o mataria com voracidade. Começou a brandir a espada de um lado para o outro, tentando manter um perímetro em relação ao monstro. Ouviu um urro

satânico quando a lâmina enterrou na pele do Descascador. Eles finalmente se encontraram frente a frente novamente. E o ar ficou pútrido e pesado, difícil de se respirar.

O monstro avançou. Andreas brandiu a espada novamente, penetrando mais uma vez na carne nojenta do Descascador. A criatura bufava e recuava a cada golpe. A espada do cavaleiro estava castigando-o. Andreas sentiu uma pontinha de esperança surgindo em seu interior obscuro. Será que poderia realmente derrotar aquele morto-vivo profano? Continuou desferindo seus poderosos golpes. Muitos encontravam os braços do monstro, justamente quando ele fazia posições defensivas. No entanto, uma série de fortes ataques estava penetrando seu tórax, minando suas forças pouco a pouco.

Então o Descascador deu um urro dos mais horrendos, parecido com as trombetas do apocalipse. E avançou. Com o braço refletiu o golpe do cavaleiro e atirou-se para frente com a boca aberta. O bafo pútrido e sulfuroso foi a última coisa que Andreas sentiu.

“Avancem, homens! Ainda podemos ajudá-lo!” - exclamou Muriel, o Cavaleiro Rubro.

Ele estava acompanhado de mais meia dúzia de homens, todos fortemente armados. Estavam dentro da cripta do Descascador, em busca de Andreas. Muriel e Andreas eram amigos há muitos anos e por várias vezes lutaram lado a lado pela glória do reino. Quando soubera que o amigo tinha partido sozinho para liquidar a criatura, o Cavaleiro Rubro juntara homens de confiança e partira para ajudá-lo. Só esperava que não fosse tarde demais.

Os corredores claustrofóbicos da cripta se sucediam e nada do cavaleiro ou do monstro. Estavam quase perdendo a esperança quando viram um vulto maciço no chão. Todos desembainharam suas espadas. O terror tomando conta de suas veias. Então o Descascador matara Andreas? Não, não era possível! Andreas era o maior guerreiro que Muriel já vira lutar.

“Avancem com cautela, homens.” - disse o Cavaleiro Rubro, quase suspirando.

O mundo pareceu parar enquanto eles caminhavam lentamente em direção ao monstro. O ar parecia cada vez mais gélido e a morte parecia se aproximar. Com fortes calafrios, Muriel avançou na frente. O coração martelava no peito como Hefesto martela sua bigorna. Internamente, rezava a todos os Deuses, principalmente a Shakkar, o Deus da Guerra. O que lhe confortava um pouco era o pensamento de que nenhuma criatura era invencível, nem mesmo um Dragão Ancião. Eles triunfariam, mesmo que para isso muitos tivessem de morrer.

Qual não foi a surpresa quando eles chegaram perto do monstro e viram que ele estava morto. Uma espada atravessara seu tórax de baixo para cima, acabando com seu reinado de terror. E não é que bem abaixo do Descascador estava Andreas? Parecia desacordado ou... Morto? Não, não podia ser! Muriel se recusava a acreditar que seu bravo companheiro havia perecido.

“Homens, me ajudem a tirar o monstro de cima de Andreas!”

Todos empurraram o Descascador para o lado e, depois de muita força, ele rolou e saiu de cima do cavaleiro. O Cavaleiro Rubro pode ver então o ferimento na barriga de seu amigo, além de uma mordida em seu pescoço. Ajoelhou-se ao lado do corpo. Checou os batimentos no pescoço. Nada. Checou a respiração. Nada.

“Não! Não pode ser!” - gritou Muriel, enquanto chutava a criatura no chão.

A fúria não o consumiu por muito tempo, pois ele ouviu um murmuro vindo de Andreas. Colocou a orelha perto da boca do homem.

“M-Minha honra... A-Ainda... S-Sou... Hon-rado?”

“Se você é honrado? Você é o mais honrado de todos! Você destruiu o Descascador!”

Andreas deu um sorrisinho e então voltou a ficar imóvel.

“Vamos, carreguem-no para fora dessa cripta! Vamos, homens! Ele está vivo! Vivo!”

Carregaram Andreas para fora da tumba e colocaram-no num cavalo. Partiram para a capital a toda velocidade. Subitamente um cheiro pútrido começou a exalar do corpo do cavaleiro. A comitiva então parou, estranhando o cheiro da morte surgir tão cedo. Em seguida, o cadáver começou a ter espasmos e a estrebuchar, como se fosse epilético. A armadura começou a se deformar. Primeiro devagar, mas logo cada vez mais rápido. O crânio de Andreas começou a se expandir, sua pele, soltando. Por baixo, uma epiderme gosmenta e cinza estava se expandindo. Quando garras começaram a brotar em mãos massivas o Cavaleiro Rubro entendeu: Andreas estava virando o monstro!

“Rápido, matem-no antes de despertar!” - exclamou Muriel, e seus homens obedeceram.

Foi tarde demais. O novo Descascador tomou vida e, com uma fúria animal, massacrou os soldados. Muriel ficou sozinho frente a criatura. Urrando, o monstro avançou destemido. O Cavaleiro Rubro foi dominado pelo terror e toda sua coragem se esvaiu. Tentou correr para o cavalo, mas o braço comprido do Descascador pegou-lhe pelo ombro

e puxou-o até a boca. O som do pescoço do cavaleiro sendo estraçalhado foi monstruoso. E agora havia mais corpos para a criatura descascar.

Andreas de Witt nunca foi encontrado. Todos assumiram que ele morrera enfrentando a besta. Sua honra foi defenestrada. Sua promessa ao rei colocou a família de Witt em maus lençóis. Ela foi escanteada e logo esquecida. Nenhum menestrel jamais cantou pelo bravo cavaleiro Andreas. Mal sabiam todos eles que o rapaz vivia como o Descascador e seguia fazendo suas vítimas ano a ano, sem que o frágil e estúpido mundo dos vivos conseguisse fazer alguma coisa para pará-lo. No fim, Andreas tornou-se o mais poderoso dos guerreiros. Só que morto-vivo.



A person wearing a black hoodie and dark pants stands in a dark, wooded area. They are holding a chainsaw. The scene is heavily splattered with red, resembling blood, on the trees and the ground. The lighting is dim, creating a dark and ominous atmosphere.

APRESENTAMOS O CONTO
CARCAÇA DE SENTIMENTOS

Por Pedro Gustavo Januário

Sobre o autor: Pedro Gustavo Januário, é estudante de Letras da Faculdade UNIDERP, tem 27 anos, nasceu em Campinas, interior de São Paulo, começou a escrever no ensino médio por intermédio de seus amigos, fã de séries, geek, passa a maior parte do tempo navegando por vários mundos através dos livros.

Primeiro seu cérebro ficou mais agitado como num turbilhão de pensamentos, depois todos seus músculos e articulações viraram circuitos elétricos para aguentar o que estaria por vir, será que ele iria partir?

Robert tinha seus trinta e poucos anos quando sentira mudanças em seu corpo, tanto que sua cabeça latejava e suas veias estavam amostra.

Certas pessoas não observam mudanças repentinas, a aparência decerto fosse algo que não notassem, se tornara parte dele, essa era a sua sina. Nunca repararam que se tornou um robô. Algo como se não tivesse fôlego de vida em cada célula do corpo. Tudo fora substituído e em seu lugar o orgânico tornou-se mecânico, o sangue virara óleo de motor e pareciam locomotivas trabalhando intensamente. Certamente o que restara de sua alma foi à escuridão como num precipício onde não há luz no fim do túnel. Ainda assim se lhe cortassem os pulsos nem sentiria dor e isso o tomou de pavor.

Depois de inúmeras visitas a médicos especializados, ele queria obter respostas ainda mais concretas. Até que foi ao centro do universo a procura de um médico que resolveria seu problema, não havia mais possibilidades assim como circuitos lógicos, ele não poderia obter mais que duas respostas, SIM e NÃO, mais que engano profano desumano. Sim seria uma afirmativa de que ele teria a cura para o que sentia, e em negativa provavelmente ele voltaria de mãos abanando ou de aços abanando. A viagem que fizera durou certa de meia hora da estação espacial, o ar estava seco e um pouco frio. E então ele estava descendo ao centro do universo, os pensamentos ainda permaneciam convictos por hora. Avistou multidões de seres que jamais vira em terra. Eles eram tão brilhantes como néons. Os prédios eram cinza como prata derretida. Ao centro havia um prédio diferente, ele sabia que lá era o lugar. Aquele era o hospital universal da cura de todas as doenças universais, pelo menos acreditava nisso, já que vira jornais, revistas eletrônicas e milhares de livros falando a respeito do renomado hospital Lifeshadow.

Ele agora se encontra no consultório do Dr. Doença. Claro que seu sobrenome não era doença, o motivo desse apelido era que ele era um bom médico e descobrira a cura das mais difíceis enfermidades. Ninguém saberia que seu nome era Andrew Harper para ser franco. Mas ele não ligava muito se soubessem ou não o nome dele, tinha foco em seu trabalho um profissional assíduo que não gostava de paparicos e muito menos jogar conversa fora, seu trabalho exigia rapidez. Robert se sentou numa maca computadorizada. Nela havia milhares de eletrodos que fizeram todos os seus exames em alguns segundos.

Dr. Doença analisava os exames atentamente com seus óculos grossos numa prancheta eletrônica da pequena mesa prateada que ficava ao lado da maca onde o preocupado paciente estava.

- Sr. Robert seus exames não possuem alterações significativas – disse o Dr. Doença rispidamente checando mais informações na prancheta.

Dava para ver que ele estava um pouco nervoso, talvez fosse o dia corrido e os milhares de pacientes que ele teria que atender, mas quem perguntaria como ele estava se sentindo, as pessoas depois do século XXV se tornava mais cruéis e menos amorosas como se isso justificasse alguma coisa.

– Tem certeza de que não está equivocado Dr. Doença? Eu realmente vim porque você era o único meio em que eu acreditava que resolveria – falou os olhos distantes observando milhares de luzes na vasta cidade reluzente. – Há algo que me falaram sobre eu estar me tornando rocha.

– É um sintoma comum da síndrome robótica.

No século XXV quando as pessoas começaram a ser mais frias e sem sentimentos foram criados robôs que interagissem com humanos.

Todos eles acabaram pegando um pouco das características humanas e alguns de seus sentimentos logo que a inteligência artificial já existia depois do século XXI, o que foi um colapso para a raça humana. Um marco para a época em que estavam sendo estudados. Surgiu-se a síndrome robótica, mesmo que se tenha sangue humano algumas características em sua genética foram alteradas, aliás a de todos nós, inclusive dos extraterrestres mais tardar no século XXX que eu me esqueci de mencionar.

– Será que possui algum medicamento que possa resolver isso? Há alguma solução viável para conter os nano robôs em meu DNA? – falou olhando o teto prateado na sala do consultório, as luzes eram de um azul pálido

– Depende muito, o senhor já amou alguém.

Milhões de sinapses elétricas se formavam no cérebro mecânico. O fato do corpo dele estar ficando enrijecido é ele estar mudando as células e substituindo por tecidos sintéticos. Sua mente trabalhava como um supercomputador, mas sua reação a fala era negativa. Assim que terminado o exame não havia nada do que ser feito. A não ser que ele descobrisse do que o algoritmo do amor era feito, o amor para ele era algo humano, e ele estava deixando de analisar esta hipótese. O pensamento de que ele pudesse amar o reprimia imaginou-se num beco sem saída.

Saiu daquele lugar que acreditava que pudesse ser a solução, mas se arrependeu, quanto mais arrependimento mais ia se enrijecendo, parecia ser uma espécie de mágoa. O tempo estava tão nublado que começar a chover, e os pingos minúsculos caíam no concreto acinzentado. Lembrou que adorava a cor cinza, sua cor favorita. Entrou no ônibus espacial direto a estação ferroviária de Londres. No caminho passou por constelações, sistemas solares, ele entendia tudo de astronomia menos do que era necessário para sua cura, à felicidade de que ele um dia nem sequer pôde conhecer.

Passou-se muitos anos até a chegada do novo século, ele se tornara um robô completo. Ele era funcionário de uma empresa renomada na criação de robôs que faziam reparos em aeronaves. Apesar de existirem transportes aéreos Robert gostava de usar transportes tradicionais, veículos que andavam sobre a terra, este era o modo mais humano que ele tivera recordação, época que as petroleiras estavam quase para falir, mas apesar de ele andar num carro terrestre seu combustível era diferente, ele se alimentava de lixo espacial, talvez esta fosse a única forma de matar a saudade que ele tinha dos carros movidos a diesel e a petróleo.

Teve um deslumbre da fumaça percorrendo seu nariz, o cheiro da gasolina queimando. Tempos nostálgicos. Numa das voltas para sua casa que ficara a alguns minutos da empresa ele resolveu depois de muito tempo encontrar alguma esperança de amor, onde no mundo havia somente máquinas e restos humanos, máquinas que com o passar dos anos eram retiradas os sentimentos humanos pelos quais os robôs adquiriram nos séculos.

Às vezes o que desejamos nem sempre vem à tona, mas naquele dia Robert descobriu não só o amor, mas a empatia pelos seres humanos, ou os dois ao mesmo tempo. Seu carro atropelou uma moça que vivia nos becos da cidade de ferro. Foi uma trágica morte. A moça se chamava Evelin, era uma senhora de quase cinquenta anos, mas ainda sim, uma vida humana rara. Os humanos eram como ratos de laboratório, como pombos, lutavam para sobreviver, o engraçado é que a evolução humana deixou de existir depois que os robôs a desmistificaram.

Evelin morava com sua filha adolescente Mary (seu nome fora homenagem a Mary Poppins). Uma característica que ela herdou era que adorava cantar, mas naquele dia tenebroso ela mais chorou do que cantou.

Robert levou Evelin junto com a filha ao hospital. Não havia nada a ser feito. No caminho ao hospital da cidade de ferro, Mary nem sequer olhou para Robert. Ela compreendia que para a morte não há palavras e sim lamurias.

Chegando ao hospital eles a levaram para o necrotério. Alguns robôs a limpavam e fizeram com que o corpo ficasse mais apresentável. A promessa de Robert à Mary era que ela teria um velório decente.

De repente depois de algumas horas na sala de espera Robert falou a garota que se ela precisasse de mais alguma coisa era para dizer a ele.

– Ela era tudo para mim Sr. Robert, você tirou uma parte de mim, compreende a gravidade disso?

– Eu sei que você deve estar péssima, mas mesmo que eu não tenha sentimentos queria que me perdoasse, me tornei tão frio que se eu amasse a minha vida eu iria chorar por você, mas lamento por sua perda.

Como ele poderia lamentar se ele era um robô, talvez ele estivesse programado a dizer aquilo, como um “Vai passar, é temporário”.

– Você deve estar falando isso porque nunca amou alguém, você é uma lata sem sentimentos, você é mais um produto criado pela inteligência artificial.

E saiu da sala para o necrotério. Antes de entrar para conversar com o legista veio até a direção de Robert e entregou um colar de sua mãe.

– Talvez você não seja culpado, tome este colar de minha mãe, porque eu sei que a dor é uma cor que passa. E sei que vocês não possuem sentimentos.

– Eu tinha sentimentos até me tornar o que sou hoje. É incrível dizer que vivi como humano, mas nunca amei.

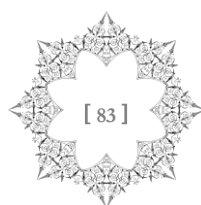
Depois de todo o ocorrido passou-se dez anos. Robert visitara a garota Mary que agora estava adulta. Seu sentimento de ódio ainda não mudara, mesmo que todas as coisas fossem esquecidas, talvez este seja o defeito do sentimento humano, naturalmente ele nunca perdoa, mas há exceções.

Robert dissera a Mary que já viveu muito tempo. Ele estava convicto de que Mary teria que matá-lo, não por vingança porque ele estava cansado. Seu corpo ultrapassado, esse seria seu fim, se não ele mesmo o faria.

Marcou então um dia, o dia que a mulher teria que puxar suas engrenagens cerebrais e desativar o sistema nervoso elétrico. E assim foi feito. Mary chorava como naquele dia em

que sua mãe morreu. O mais engraçado nesta história é que quando Robert morreu ele sangrou como um humano.

Aquele era o resto do sentimento que ele possuía, como na maioria das vezes a dor é uma cor que passa.



A person in a black hoodie and dark pants stands in a dark, wooded area. They are holding a chainsaw. The scene is heavily splattered with red blood, with large splatters on the trees and ground. The lighting is dim, creating a horror atmosphere.

APRESENTAMOS O CONTO
ZUNIDO NO OUVIDO

Por Roberto Minadeo

Sobre o autor: Roberto Minadeo estudou Administração (USP), área em que fez Mestrado (UFRJ). Obteve seu PhD em Ciências da Eng^a da Produção (UFRJ). A partir de 1996, publicou obras técnicas sobre Marketing e fez traduções/revisões técnicas. Lançou diversos contos, compilados em "Sonhos Fulgurantes" – lançada em 2020 na Amazon. Link dessa obra:

<https://www.amazon.com.br/dp/B088P8D8RK>

Em 2021 lançou seu primeiro romance/drama "Duas Irmãs". É membro da ANE – Associação Nacional de Escritores. Seu e-mail: rminadeo@gmail.com

Corriam os anos 1990. Chegavam as primeiras eleições em um dos pequenos países da antiga Cortina de Ferro, que poucos anos antes passara a gozar de alguma liberdade e, ao mesmo tempo, concedera liberdade econômica aos seus cidadãos.

Nesse clima, tudo representava a mais completa novidade: partidos políticos, propaganda eleitoral e, especialmente, a possibilidade de se elegerem os mandatários supremos do país. Cerca de três milhões de cidadãos se tornaram eleitores pela primeira vez, e, em meio ao clima geral de viver uma inusitada situação de exercício de um direito, iriam votar pela primeira vez.

Os oito ou nove partidos criados às pressas eram descendentes do velho e monopolista partido que dirigira o país por cinco décadas. Havia um ou outro que se proclamava “oposicionista”, tendo suas bases nos movimentos sindicais. Todavia, seria impossível exigir maior articulação democrática em um país com tão pouco tempo de liberdade. Assim, o que se disponibilizava à população era o possível, e mais do que suficiente. Mal sabiam os pobres eleitores dos inúmeros conchavos entre tais partidos e os velhos meios de comunicação – com décadas de experiência em fornecer oportunos empurrões para formar a opinião pública ao seu bel-prazer.

Adolescentes que apenas se dedicavam aos estudos eram recrutados para ganhar uns trocados trabalhando como “cabos” eleitorais, distribuindo folhetos de gente que nunca haviam ouvido falar, em ridículas fotos relambidas e com mensagens claramente exageradas e mentirosas. Dado que se tratava de uma primeira eleição, cada candidato se concedia o direito de prometer as tolices mais abrangentes e impossíveis. Todavia, apesar de que tal realidade era reconhecida, os eleitores terminaram por entrar no clima geral, e discutiam uns com os outros na defesa deste ou daquele candidato.

A eleição abrangeria cargos do executivo e do legislativo, vários deles novos. Pouquíssimos cidadãos detinham qualquer experiência em tal processo, quer como candidatos quer como votantes.

Experiências de outros países foram aproveitadas, tais como o tempo eleitoral gratuito de televisão. Os primeiros debates da história dessa pequena república eram ansiosamente aguardados.

O primeiro debate foi morno, com enorme respeito entre todos os candidatos, cada qual apenas falando de si próprio. No espaço às perguntas que o canal televisivo permitiu, foi inequívoca a formação de blocos, de forma que cada qual fazia perguntas combinadas

para permitir que seus colegas de iguais tendências tivessem tempo para se apresentar e, por conseguinte, para se destacar.

Dessa forma, não constituiu nenhuma surpresa que dos quase dez candidatos, cerca de quatro ou cinco estivessem empatados nas pesquisas de opinião.

Porém, o segundo debate foi um furor, uma surpresa em todo o processo eleitoral. Após os minutos de praxe, com frases de apresentação de planos mais ou menos mirabolantes para “mudar” o país, um dos candidatos – dos que não eram descendentes da velha base partidária, e que amargava a última posição nas pesquisas – resolveu adotar uma tática de guerra, de “tudo ou nada”. Abordou um dos colegas:

— O senhor participou dos governos passados. Dessa forma, é impossível de repente mudar totalmente de orientação, de correligionários, de forma de pensar. Eu pergunto, até quando irá toda essa sua farsa?

Ante o espanto geral, o moderador pediu um momento para pensar. O jornalista que dirigia o debate, longe das câmeras, prevendo boa audiência e, em especial, comentários positivos nos dias sucessivos nos jornais, indicou que a pergunta fosse respondida. O interrogado praticamente sussurrou:

— Isto é uma total falta de respeito... tenho mais de trinta anos de serviços ao país...

O candidato que fizera a pergunta, sem se importar com as regras, interrompeu:

— ... esses anos todos foram uma vergonha, deixaram o país em estado de penúria, enquanto um grupo se beneficiou...

O moderador disse:

— Novas interrupções não serão mais toleradas, a pergunta deve ser respondida.

— ... como eu ia dizendo...

Uma nova interrupção aproveitou a situação de evidente fraqueza e perplexidade do interrogado:

— ... eu tenho uma sugestão ao senhor e a todos os candidatos que, como o senhor, se aproveitaram do país, sem terem feito nada: abandonem o pleito, sim, é isso, agora, renuncie a favor dos candidatos jovens, que não possuem nenhum passado comprometedor.

O moderador iria interromper ao início desta fala, todavia recebeu ordens peremptórias do jornalista-chefe para que as coisas seguissem o curso normal. O pobre interrogado continuou, ou melhor, tentou continuar, e gaguejou:

— ... isso é... o mais completo absurdo... eu não vou desistir...

— ... tem razão, o poder é gostoso demais. Mas eu vejo nessa sua hesitação um sinal de boa vontade, um desejo escondido, lá no fundo, de que nossa sofrida pátria progreda. Insisto: renuncie, agora mesmo!

Desta vez, lágrimas vieram aos olhos do pobre candidato indigitado. O jornalista-chefe solicitou um grande e demorado *close* nesse rosto, cuja situação mostrava todo um panorama de miséria, ao lado, claro, de bons índices de audiência. Os esperados sinais de desagrado, vindos de outros candidatos, que se sentiram igualmente envolvidos na acusação do impertinente recém-chegado ao mundo político, não demoraram, de sorte que entraram em cena os oportunos comerciais.

À volta do debate, o candidato que sofrera o inesperado ataque, havia sofrido um retoque na maquiagem, todavia, ainda não sabia como proceder. O novato ostentava o sorriso mais vitorioso imaginável. O moderador recebera ordens expressas de ignorar a fervilhante situação emocional dos candidatos “dos tempos antigos”, e, da maneira mais displicente possível, perguntou se haveria alguma resposta. Nada foi articulado, apenas o tradicional gesto negativo com a cabeça.

Quis o destino – fortuna para alguns e azar para outros – que a próxima pergunta coubesse a um outro novato, que percebeu o momento e decidiu capitalizar sobre ele: seria incomparavelmente melhor alguma forma de união ao incontestado dono da situação, ao supremo senhor do momento presente, para buscar futuros cargos no governo, do que tentar uma vitória impossível em caráter isolado. Assim, fez uma pergunta incisiva:

— Faço minha a observação de poucos instantes atrás. Os candidatos que já participaram de governos recentes façam o favor de se pronunciar a respeito de sua possível renúncia a esta candidatura. Repito, renúncia a ser feita aqui e agora.

Os candidatos experientes se entreolharam, pedindo clemência do moderador, que nem olhou ao jornalista-chefe, já conhecendo a orientação a seguir, e disse que cada qual dos interrogados teria até dois minutos para responder ou se justificar. Seguiu-se um silêncio sepulcral.

O segundo novato, triunfante, dirigiu-se novamente ao que sofrera o ataque anterior, por estar já abalado, e inquiriu:

— Uma renúncia agora será melhor do que uma acachapante derrota nas urnas, além de ser bem mais honrosa e mais útil ao país. Fora da vida política durante alguns anos, o senhor poderá estudar, viajar, cuidar da família. Basta dizer “sim!” Vamos, diga “sim!” Vamos, em uma vez na vida, seja útil, diga “sim!” e renuncie.

Novo *close* se seguiu, desta vez a carga que pesou sobre os combalidos ombros da velha raposa foi insuportável. Durante o restante de sua vida, nunca soube exatamente o motivo do que fez, e disse um rápido “sim”, retirando-se, trêmulo, dos estúdios. Desnecessário acrescentar que o primeiro novato ganhou a eleição e indicou seu auxiliar de ocasião para a importante pasta das Relações Exteriores.

Depois de tanta vergonha, o pobre candidato que renunciou passou a sentir um eterno martelar em sua cabeça: “— Renuncie!” Durante os momentos de esporte, junto à família, nas tentativas de estudar ou trabalhar, em suma, em todos os momentos de sua existência, tal palavra se fazia sentir com maior força.

“— Renuncie!”

“— Renuncie!”

“— Renuncie!”

Os médicos sugeriram banho gelado, sauna, natação, esportes radicais...

Nada funcionava, sua pobre cabeça parecia estalar continuamente sob o peso de toneladas de pressão, a prestes de explodir.

Depois veio a fase dos remédios, indicados por farmacêuticos e médicos. De todos os tipos. Cada qual mais inútil e caro que o outro.

Após a renúncia, algo muito pior do que a Presidência do país foi-se de vez de sua vida: o sono. Nunca mais foi possível dormir, nem com o uso de todas as prescrições possíveis e existentes de medicamentos de tarja preta.

A falta de sono veio acompanhada de um insistente zunido nos ouvidos. Nos primeiros dias era leve, depois de pouco tempo, todavia, passou a ser uma buzina terrível, a ponto de impedir que a voz dos seus familiares se fizesse ouvir.

Suportar tanta desgraça viria a exigir muito mais paciência do que a cota disponível em um ex-mandatário de um país. Assim, começaram a ocorrer explosões de cólera, seguidas pelo abandono dos familiares, temerosos de serem agredidos. Dessa forma, chegou a companhia da solidão, um novo terrível componente, para piorar o seu já decadente quadro mental. O zunido nos ouvidos se ampliou, passando a ser contínuo e altíssimo.

Os médicos tentaram de tudo. Tratamentos tradicionais, ao lado de todos os inovadores e recém-chegados ao país, tais como a acupuntura ou a homeopatia. A surpresa dos profissionais da saúde residia em que todos os exames solicitados apontavam a maior normalidade possível no quadro de saúde da pobre vítima.

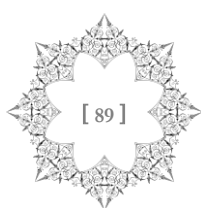
A falta de sono talvez fosse explicada por um temor terrível em vir a sonhar com a frase do debate: “— Renuncie!” Entretanto, o maquinismo do corpo humano não foi feito para sobreviver desperto, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, trinta dias por mês. O tributo à saúde foi rapidamente coletado, na forma de uma deterioração do pouco que ainda havia por ser detonado.

Assim, a insana mente em um pouco mais de um mês levou o corpo a deixar de funcionar, primeiro os órgãos periféricos e menos usados: baço, apêndice e vesícula. Depois, os músculos perderam força, braços e pernas penderam. A aceleração foi incrível: as funções dos rins e dos pulmões soçobraram.

A última semana de vida do nosso grande político – que tanto fizera por seu país – foi marcada pela fraqueza do coração, que deixou de bater exatamente um mês após o maldito debate.

Essa inacreditável história – há quem diga que não passou de uma lenda – veio a encabeçar os anais da vida política de todos os países que haviam pertencido à Cortina de Ferro, sendo contada de pai para filho à hora em que recebiam o título eleitoral. Além disso, serviu para aterrorizar a vida de tantos dos antigos políticos, boa parte dos quais resolveram se aposentar.

Todavia, a melhor parte de qualquer lenda: alentou sonhos, conferiu coragem para as novas gerações de eleitores e de candidatos poderem esperar as inúmeras mudanças que sempre se fazem necessárias em qualquer grupo de pessoas.



A person wearing a black hoodie and dark pants is walking through a forest. The scene is heavily stylized with numerous red blood splatters of various sizes scattered across the trees, the ground, and the person's clothing. The background shows a dense forest of trees, some with snow or light-colored bark, under a pale sky. The overall atmosphere is dark and ominous.

APRESENTAMOS O CONTO

O POÇO

Por Roberto Schima

Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. O conto "Ao Teu Dispor" foi premiado na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse). Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

Quando se fala em YouTuber, você pode pensar em jovens vistosos sedentos por aparecer. Aliás, muitos são assim. Alguns até têm seu carisma e levam jeito para a coisa, aproveitando a oportunidade dada pela Internet para sentir as luzes da ribalta. Outros possuem a boa vontade, porém, não tem a menor vocação. E uma terceira categoria acha que está abafando, quando está mais é afugentando o público. Nesse caso, em vez de filmar aquilo que seria o tema de seus canais, insistem em colocar a própria carranca no caminho, fazem micagens e gracejos sem graça, distorcem a voz como se falassem a um bebê e se acham o rei ou a rainha da cocada preta, pretendem se mostrar mais do que fazem aparecer o assunto de que o canal deveria tratar.

Zé Mateiro era um YouTuber do terceiro tipo, com um agravante: no alto dos seus cinquenta e cinco anos, estava longe de ser um garotão. Ainda assim, em seus vídeos, dava a impressão de se achar uma espécie de *Indiana Jones* da república das bananas. Geralmente focava-se em expedições no meio da selva, exploração de ruínas ou temas mal-assombrados - muito em moda por sinal - e, mais recentemente, aderira a prática do detectorismo e pesca magnética. Visitava locais abandonados e, sempre com muito estardalhaço e conversa fiada, exibia de modo teatral os seus achados. Tanto podia fazer a maior festa por ter encontrado um lacre de latinha de cerveja quanto inventar lendas mirabolantes diante de "tesouros" previamente plantados. Tudo por um *like*, era a sua filosofia, afinal, quanto mais curtidas, mais poderia faturar.

Fazia suas incursões acompanhado de um amigo, o Manguaça, que cuidava de filmá-lo.

Certa feita, ambos foram conhecer um antigo casarão no meio de um matagal, cujo dono - segundo um dos seguidores de seu canal -, fora muito rico, mas perecera misteriosamente na propriedade. Histórias diziam que ele enterrara sua fortuna nos arredores.

Zé Mateiro não perdeu a chance e, breve, chamou Manguaça para uma nova aventura.

O que se segue é um relato baseado nas gravações feitas por este último, cuja câmera foi encontrada por uma segunda equipe de caçadores de tesouros.

Zé Mateiro e Manguaça viajaram até a propriedade.

As ruínas estavam de tal modo deterioradas que era perigoso demais explorá-las por dentro. O piso estava podre e o que restava do teto podia desabar a qualquer instante. Então, fizeram suas buscas em volta da velha construção. Não raro, tiveram de abrir caminho a golpes de machete devido a vegetação que crescera e reclamara o espaço no decorrer dos séculos.

— O que será que acharemos hoje, amigos do Zé? — disse Zé Mateiro, expondo seu rosto bem bronzeado, o qual cobriu quase toda a tela. — Existirão joias, moedas de ouro e prata? Não deixem de dar sua curtida e, se não for inscrito, inscreva-se no canal, ative o sininho das notificações e acompanhe as nossas fantásticas aventuras pelo sertão afora. Vamos lá, minha gente!

Com o detector de metais, começou a vasculhar o terreno. O aparelho não tardou a produzir seus zumbidos irritantes.

— Ah, tem alguma coisa aqui! Pelo sinal, está indicando que é prata, minha gente. Prata!

Apanhou uma pá e começou a cavar. Depois, partiu para as mãos, removendo os torrões avermelhados. Por fim, mostrou-se surpreso ao encontrar um talher belamente adornado.

— Vejam só que lindo! Que maravilha! Quanta história não haverá por trás dessa colher? Quem terá feito uso dela? Um barão? Uma condessa? O antigo proprietário?

Depois, achou uma bolsa contendo algumas moedas antigas. E os achados se sucederam, um mais interessante do que o outro. Era sorte demais em um curto intervalo de tempo.

Eventualmente, conseguiu encontrar materiais que, de fato, estavam no local. E, a exemplo de outras ocasiões, não titubeou em apossar-se deles. Quem sabe, poderia revender para algum seguidor, um antiquário ou colecionador de bugigangas. Seria um *plus* nos rendimentos, razão que, aliás, o levava ao detectorismo.

Então, seguiram por uma trilha abandonada e, de repente, ouviu-se a voz de Manguaça.

— Estranho...

Nas gravações do canal, ele nunca se fazia presente. Zé Mateiro até podia dirigir-se a ele, porém, raramente Manguaça se manifestava. Muito menos, sem ter sido inquirido.

Por isso, Zé Mateiro virou-se, testa franzida, e, em vez de fitar a câmera, olhou um pouco de lado, certamente na direção dos olhos do outro.

— Estranho o quê?

— Os sons...

— Que sons?

— É o que quero dizer. Até agorinha havia os pássaros, os zumbidos de pernilongo e abelhas, algum bicho correndo no meio do mato. E, agora, nada. Nem um pio.

Naquele ponto, a mata ficara mais fechada e não faltaria muito para Zé Mateiro encerrar o dia.

— Ah, é só impressão sua. Eu... AAIII!

Manguaça atarantou-se.

— Que foi, Zé? Cobra?

O outro tomou fôlego.

— Cobra que nada. Aqui, veja. Pisei em falso... É um poço!

— Puta merda, se você cai...

— Ei, Manguaça, nada de palavrão!

— Desculpa. Na edição você corta.

— Tá, então, fica quieto e começa a filmar... Pronto! Vamos lá... — Soltou um grito fingido. — AAIII! Nossa, minha gente, eu quase caio. Ei, o que é isso? Nooossa! Descobri um poço abandonado. Que perigo isso aqui no meio do mato. Hum... Que tipo de tesouro terá lá dentro? Pena que não dá para descer e usar o detector. Ahá, mas eu trouxe o meu superimã de neodímio para uma situação dessa!

Zé Mateiro passou a preparar o superimã para a pesca magnética, atando uma cordinha em sua argola.

— Nós já exploramos poços abandonados antes, amigos do Zé, e encontramos algumas coisas interessantes. Para quem não assistiu esses vídeos, descobrimos tesouras, facas, rodas de bicicleta, pulseiras, colares e moedas, muitas moedas. É pena que, por só atrair material ferromagnético — ele adorava essa palavra —, se tiver uma pilha de barras de ouro ou prata, o superimã passará direto, não se grudará nele. Mas quem sabe que antiguidade poderá apanhar?

— Isso aqui tá muito quieto — reclamou de novo o Manguaça.

— E daí? Tá atrapalhando a filmagem.

— A mata nunca é tão silenciosa, exceto...

— Exceto o quê, Manguaça? Tá achando que tem onça? Não tem bicho grande...

— Não. Minha tia sempre falava que poço era uma coisa esquisita, uma garganta ou portal.

— Nós já encontramos outros poços. E hoje não é vídeo de casa assombrada.

— Mas tinha barulho em volta. Viu como a luz diminuiu aqui? E o frio...

— Não diga bobagem! A mata é mais fechada, só isso. Vamos logo acabar com isso e ir pra casa.

Ouviu-se a voz resignada de Manguaça responder:

— Está bem.

Mas sua respiração estava descompassada.

Inicialmente, Zé Mateiro apanhou uma pedra grande e atirou-a ao poço a fim de calcular a profundidade até atingir a água, pois nada conseguia enxergar em seu interior além de uma escuridão de breu.

A pedra caiu, caiu e caiu... E nada de som de batida.

Em vez disso, suas narinas sentiram um odor desagradável, úmido e penetrante.

Sem querer dar o braço a torcer e sorrindo para a câmera, falou:

— Vamos lá, minha gente, para mais tesouros com o Zé Mateiro! Deem o *like*!

E baixou o superimã.

Faltava pouco para a cordinha de *nylon* terminar quando sentiu que o magneto tocou em algo. Parou, puxou e encontrou resistência.

— Nossa, gente, já pegamos alguma coisa! O que será? Hummm... É pesado! Puf! Muito pesado!... Caramba! Manguaça, vem dar uma mão. Coloca a câmera num canto aí pra continuar filmando. Amigos do Zé, será um baú de tesouro? Um canhão do Brasil Colonial? Continuem comigo!

— Ou tá enroscado...

— Psiu! Vem me ajudar.

Manguaça, um tanto contrariado, ajustou a câmera e foi auxiliar Zé Mateiro. Olhou de um lado a outro só para garantir, desconfiado. Ficou surpreso ao constatar que, de fato, a coisa não se mexia. Foram para uma direção e para outra ao redor do poço, puxando daqui e dali e nada.

Sem que se dessem conta, o tempo parecia estar mudando, pois as sombras tornaram-se mais pronunciadas; as cores, menos vivazes.

No que quer que o superimã tivesse grudado, não dava sinal de ceder e ser trazido para cima.

Manguaça coçou a cabeça.

— Vai ter que largar o imã aí. Já era.

— Nada disso! — gritou Zé Mateiro, furioso, frustrado e esquecido de que estava sendo filmado. — Paguei uma grana preta nesse troço e não vou ficar no prejuízo. Vamos tentar de novo, dessa vez, enrola a corda em volta do braço que vou fazer a mesma coisa. Depois que eu contar até três, a gente dá um tranco e puxa com toda a força. Entendeu?...
ENTENDEU?

— Não, sou surdo. Vamos logo, Zé. Só quero sair dessa merda.

Contrafeito, os homens assim procederam e firmaram os pés no chão úmido, coberto de folhas mortas.

E Zé Mateiro começou:

— Um... Dois...

Então, diante da câmera, antes que o velho YouTuber falasse o "Três", a corda esticou de repente. Os dois homens perderam o equilíbrio e foram puxados para dentro do poço. Ouviram-se os gritos angustiados que foram ganhando distância. Foram sumindo, sumindo e sumindo, sem sinal de alcançar a água, até que o silêncio tornou a cair pesado na mata.

E, em pouco tempo, a tarde caiu e a escuridão tomou conta do lugar.

Ainda que o canal do Zé Mateiro não fosse lá essas coisas, ele tinha seus seguidores fiéis que estranharam a ausência de novos vídeos na Internet.

Um grupo que também fazia vídeos de detectorismo foi até o local e, não sem alguma dificuldade, encontrou o poço e a câmera que, milagrosamente, ainda funcionava, apesar de ter ficado alguns dias e noites na intempérie.

Conforme os membros do grupo contaram em seu próprio canal, começaram a ver as imagens. Ficaram arrepiados ao constatar que aquele poço engolira os dois homens em circunstâncias, no mínimo, anormais. Gritaram por Zé Mateiro na borda do poço, mas não obtiveram resposta, sequer o eco de suas vozes. A ciência de que, ali, haveria dois cadáveres deixou-os muito nervosos. O odor emitido por aquela garganta escura só parecia confirmar. Porém, em dado momento, naquele lugar estranhamente silencioso e de

clima pesado, onde as cores perdiam o seu brilho e o negro e o cinza predominavam, trataram de fugir o mais depressa possível para nunca mais retornar.

No vídeo que postaram dias depois no YouTube, disseram que passaram a ouvir sons em meio a mata. Era como algo rastejando, seguido de sussurros indecifráveis. Para arrematar a narrativa, o grupo deixou rolar o final do vídeo da câmera que o Manguaça deixara rodando. Nele, mostrou por algum tempo o poço abandonado e tudo quieto ao redor. Até que algo, uma espécie de névoa ou sombra muito escura e densa, saiu do buraco lentamente e desapareceu em meio aos arbustos.

O vídeo do grupo bateu todos os recordes de curtidas e visualizações. Obteve mais *likes* do que todos os vídeos do canal do Zé Mateiro reunidos.

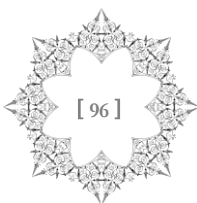
Certamente, o caçador de aventuras teria se inchado de orgulho.

Quanto ao poço? Continuou abandonado, sinistro e indecifrável.

Silencioso.

Profundo.

Faminto.



A person wearing a black hoodie and a black mask is standing in a dark, wooded area. The person is holding a chainsaw. The background is a dense forest with many trees, and there are numerous red blood splatters scattered throughout the scene, creating a horror atmosphere.

APRESENTAMOS O CONTO

O VENTO QUE SOPRAVA NO VALE

Por Cida Simka e Sérgio Simka

SOBRE OS AUTORES:

CIDA SIMKA

É licenciada em Letras pelas Faculdades Integradas de Ribeirão Pires (FIRP). Autora, dentre outros, dos livros *O enigma da velha casa* (Editora Uirapuru, 2016), *Prática de escrita: atividades para pensar e escrever* (Wak Editora, 2019), *O enigma da biblioteca* (Editora Verlidelas, 2020), *Horror na biblioteca* (Editora Verlidelas, 2021) e *Horrores da escuridão* (Venha Fazer História, 2021). Organizadora de diversas antologias, dentre elas, *Um fantasma ronda o campus* (Editora Verlidelas, 2020) e *O medo que nos envolve* (Editora Verlidelas, 2021). Colunista da revista *Conexão Literatura*.

SÉRGIO SIMKA

É professor universitário desde 1999. Autor de mais de seis dezenas de livros publicados nas áreas de gramática, literatura, produção textual, literatura infantil e infantojuvenil. Idealizou, com Cida Simka, a série *Mistério*, publicada pela editora Uirapuru. Colunista da revista *Conexão Literatura*. Seu mais recente trabalho acadêmico se intitula *Pedagogia do encantamento: por um ensino eficaz de escrita* (Editora Mercado de Letras, 2020) e seu mais novo livro juvenil se denomina *Horrores da escuridão* (Venha Fazer História, 2021).

Finalmente, pude cumprir a promessa que havia feito a meu filho: a de levá-lo a um piquenique num sítio de propriedade do meu irmão, que o cedeu após diversas tentativas, com somas cada vez mais vultosas a cada conversa. No entanto, ele acabou por emprestar o espaço de graça, para o meu espanto, já que era um sovina de marca maior.

No sábado, logo pela manhã, nem bem saí de um rápido banho, meu filho entrou no quarto, todo alvoroçado.

— E aí, pai, vai demorar muito ainda?

— Calma, filho, só me deixe terminar de me enxugar, desço em seguida. Já colocou as xícaras para o café?

— Tá tudo pronto, pai. É só descer e saborear. Fiz do jeito que o senhor gosta.

— Garoto esperto — disse. Pensei comigo: garoto interesseiro, só porque hoje vai passear. Do contrário, ficaria jogando videogame o fim de semana todo.

Tomamos o café em silêncio.

— Vai ser legal, né, pai?

— Claro que vai.

— Vamos logo então.

— Calma. Deixe-me terminar de tomar o café. Se já acabou, poderia colocar as cestas com a comida e os refrigerantes no carro, para ganharmos tempo.

— É pra já.

No caminho, não trocamos muitas palavras. Embora Rogério falasse bastante, hoje percebi que se encontrava mais na sua. Resolvi respeitar o seu silêncio.

— Falta muito, pai?

— Já estamos chegando.

— Puxa, até que enfim que o tio Marcos permitiu que fôssemos até o sítio. O que o fez mudar de ideia?

— O meu poder de convencimento é irresistível, garoto — e rimos que nem dois bobos.

À medida que subíamos uma estrada de terra, víamos uma pequena casa com muito verde em volta. Umhas galinhas se afastaram quando o carro parou em frente à porta.

— Parece que o local está abandonado, pai.

— Acho que o seu tio não anda cuidando como deveria.

Observei ao redor. De repente, senti um calafrio inexplicável. O vento começou a soprar de modo esquisito.

— Bem, enquanto abro a porta da casa, você pega as coisas do carro, está bem?

— Ok, pai.

Enquanto abria a porta e as janelas, sondei o ambiente. Cheirava a mofo e a algo que não pude distinguir.

— Vamos deixar uma parte da comilança na geladeira e a outra a gente leva pro nosso piquenique.

— Ok, pai. E onde vai ser?

— É uma surpresa.

— Legal.

Pegamos as cestas, os refrigerantes e ladeamos a casa até um caminho cercado por pequenos arbustos. Subimos uma pequena colina e embaixo de uma árvore, estendemos a nossa toalha.

Abrimos os nossos lanches e os refrigerantes.

— O lugar é bem bonito, né, pai?

— Sim, filho. Veja como a natureza é bela.

— Bem que a mãe poderia estar aqui conosco agora.

Não era bem uma pergunta. Apenas a saudade se expressando. Não respondi.

— O divórcio ainda pesa, dói, né, pai?

Fiz que sim com a cabeça. Mudei de assunto:

— Depois de comermos, podemos dar uma volta. O que acha?

— Legal, pai.

Abandonando todas as coisas embaixo da árvore, fomos passear pelas cercanias. O verde era a cor predominante.

Subimos por uma encosta e andamos por quase uma hora. Ao longe, Rogério avistou algo cinzento.

— Pai, veja, o que é aquilo lá na frente?

Não respondi. Segui-o mais lentamente. Entramos numa pequena área na qual havia muitas cruces cinza espalhadas em cima de pequenas lápides de pedra.

— Nossa, pai, é um cemitério!

Contemplei ao redor, a garganta seca.

— É melhor irmos embora.

— Você sabia que havia aqui um cemitério?

— Não — respondi, mas Rogério me olhou como se duvidasse da resposta.

— Ok, pai, vamos então.

Ao se voltar, tropeçou numa pequena pedra e ao cair deu de cara com uma campa na qual havia um nome e uma data.

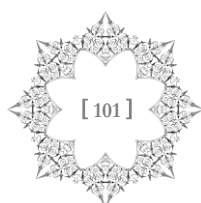
Observou estarecido, depois em pânico.

— Pai, veja, mas é o nome da minha mãe que aparece escrito aí! Como isso é possível?

Virou o rosto para mim, incrédulo.

Sorri para ele.

O vento que soprava ficou ainda mais sinistro.



A person wearing a black hoodie and dark pants stands in a dark, wooded area. They are holding a chainsaw in their right hand. The scene is heavily splattered with red blood, with large, irregular stains on the ground and smaller droplets in the air. The background shows dark tree trunks and a dimly lit sky. The overall atmosphere is dark and menacing.

APRESENTAMOS O CONTO
○ MISTÉRIO DE BALZAN
Por Sidnei da Fontoura Rodrigues

Sobre o autor: Sid Fontoura é escritor e pesquisador da literatura inglesa do século XVII e autor dos livros " O Escritor do Inacreditável" e " O Executor".

A data era 17 de Janeiro de 1887, a muitos dias deixando a Inglaterra a bordo da fragata Jesebell, atravessamos lentamente o Oceano Atlântico até a França, continuando minha longa jornada, cruzando a Europa, agora através da ferrovia, pela estrada de ferro Stokton & Darlington, até chegar ao meu desejado destino.

E a partir deste ponto que começo minha narrativa, sobre mais esta incrível experiência a qual presenciei, e que tenho o dever de relatar.

Durante a maior parte da tarde, com meu cachimbo na boca e um jornal em cima dos joelhos, diverti-me ora a ver os anúncios, ora a olhar para a rua através dos vidros embaçados pela densa chuva, permitindo tão somente uma visão brumada da rua. À medida que a noite se aprofundava, aprofundava-se também o meu interesse pelas diversas situações que presenciava, porque não só se ia alterando o caráter geral da multidão, saindo das ruas aqueles que dela se utilizavam para ir e vir em seus afazeres diários, e tornava-se mais notório a presença daqueles que a usavam para buscar diversão, à medida que o adiantamento da hora tirava da toca novas espécies de boêmios e andarilhos noturnos.

As centelhas dos bicos de gás, fracos primeiro, enquanto lutavam com o crepúsculo da tarde, tinham agora vencido e derramavam sobre todos os objetos uma luz brilhante e agitada.

Com a fronte encostada aos vidros, ocupava-me assim a examinar o movimento desprezioso dos transeuntes, quando vi atravessar a rua meu esperado amigo Esteban R..., uma figura extremamente magra, de sessenta e cinco anos, uma fisionomia que chamava a atenção pela sua absoluta idiossincrasia, deixando pender a barba sobre o peito, que me fez lembrar de imediato a figura de Galileu.

A noite chegara e com ela a chuva, que caía grossa, o ar resfriava, cada um tratava de se recolher apressadamente, a rua esvaziava-se.

O gás dos revérberos continuava a brilhar, mas a chuva a cada minuto caía mais copiosamente e apenas de vez em quando se viam alguns transeuntes.

No quarto onde estava, no Hotel Trinkete, uma antiga mansão no Vale de Baztan, na calma cidade de Elizondo, Espanha, tinha paredes brancas e sacadas com madeira rústica escura. Uma legítima obra de arte da arquitetura espanhola. Seus aposentos guardavam o estilo provincial, com véus de fina seda cobrindo as pomposas camas de madeira. A capital do Valle de Baztan reúne sob seus domínios locais que são distribuídos por colinas verdes nas cordilheiras do Atlântico, em ambos os lados do rio Baztán, que atravessa

Elizondo, abundam edificações nobres, como casas e palácios. Onde o mais representativo é o Arizkunenea Palace, além do charmoso bairro de Beartzu.

Fortalezas com enormes torres são comuns no vale, que serviam como proteção durante a Idade Média, onde havia muitos conflitos fronteiriços.

Meu amigo Estebam demorou-se por algum tempo até chegar ao meu aposento, um pouco pelo fato de estar no terceiro e último, andar do hotel, mas também, creio eu, pela debilidade do seu estado físico. Por fim, ao adentrar ao local onde eu o aguardava, pude ver que meu velho amigo estava deveras envelhecido, além da barba que lhe cobria o rosto e caía sobre o peito, sua fisionomia era de alguém extremamente enfraquecido. Um abraço prolongado foi o início para que ficasse a par do motivo pelo qual Estebam me pedira para vir da Inglaterra até Elizondo ao seu encontro. A Espanha entrava no período que se chamava a Era do Século de Ouro, entende-se a época clássica e apogeu da cultura espanhola. E Estebam, como escritor, dedicou-se a literatura investigativa, buscando desvendar mistérios até então ocultos naquele país.

Sentado em uma poltrona ao lado da minha, tratou imediatamente de tirar de dentro de um envelope, que trazia devidamente protegido na parte interna do seu paletó várias folhas com anotações escritas em completo desalinho, e feitas certamente, já a algum tempo.

Apressadamente passou-me as mãos os papéis...

---Leia ...para que depois entendas o motivo pelo qual chamei-te.

Disse ele enquanto eu curiosamente começava a leitura das amassadas escrituras, e ao passo que fazia a leitura minha aguçada curiosidade ficava evidente.

Os rascunhos referiam-se a existência de uma criatura que no local era conhecida como Basajaun, este monstro, se é que existe, seria um ser antigo de tamanho desproporcional e cabelo por todo o corpo, responsável por proteger a paz que reina na floresta, e as pessoas que por ela passam. Pouco se sabe ainda sobre a aparência do ser mitológico da floresta Basconavarra, mas existem depoimentos de moradores que garantem a existência de tal teratismo. Não tive a menor dúvida, que meu nervoso amigo, pois estava a balançar inquietantemente as pernas, havia dedicado seu tempo a desvendar este mistério.

— Que queres que eu faça? Perguntei a ele, apesar de já imaginar a resposta.

E ela veio de imediato.

— Que me acompanhe na floresta... — disse ele

— Vamos encontrar o Basajaun — conclui.

Devo admitir que não fiquei muito tentado a aceitar o convite, mesmo vindo de muito longe para atender a um pedido de um velho amigo. Agora podia eu, entender a causa do estado catastrófico físico e mental em que Estebam encontrava-se, dedicando todo seu tempo a busca de algo que tampouco Sabia da real existência. Outro fato que me fazia declinar do convite, era saber que meu velho amigo já a muito sofria da Síndrome de Ostoiévski, enfermidade que causa transepsíquicos que levam a sonhos, revelando acontecimentos ocultos em nossa consciência, que por isto poderiam transformar em realidade fictícia, aquilo que esta, em nossa mente, no campo do inexplicável.

A visão cadavérica de meu amigo e a sua inquietação exacerbada deixava evidente o efeito que a busca desmedida e quase que obcecada, pelo Basajaun havia feito.

— Vamos... minha carruagem esta lá fora. Venha — disse ele. E concluiu: — Vamos descobrir isto juntos e se algo me acontecer, tu escreverá.

Enquanto falava, levantou-se e caminhou até a porta, e realmente não sei por que motivo, mas com esta afirmativa ergui-me em um salto de meu assento, e pegando minha capa, pois a chuva continuava a cair fortemente, acompanhei o tão entusiasmado escritor.

Subimos em coche que estava na frente do hotel e por alguns minutos, em meio a intensa chuva, cruzamos por inúmeros vilarejos, estávamos agora creio eu, no bairro mais insalubre de Elizondo, onde todos os objetos têm o estigma horrível da pobreza misérrima e do vício incurável. À luz acidental de um revérbero sombrio apercebiam-se as casas de pau, altas, antigas, carunchosas, ameaçando ruína e em direções tão variadas e numerosas que mal se podia identificar, no meio delas, a existência de uma passagem que sabe-se lá onde iria levar-nos. Mas por ela adentramos.

A passagem levou-nos até um imenso bosque, lá descemos da carruagem e penetramos a pé na escuridão gélida do local, a chuva ainda a cair fortemente não deteve nem por um segundo o meu determinado amigo, que seguia a minha frente como se certeza tivesse de encontrar a tão procurada criatura. A floresta estava em um silêncio assustador, somente os pingos da chuva podiam ser ouvidos, além é claro de nossos passos.

Após caminharmos por algum tempo paramos, Estebam agachou-se e fez sinal com sua mão para que eu fizesse o mesmo, a floresta fazia-me sentir um ar peçonhento, danoso, no breu da noite e com as roupas completamente ensopadas, totalmente congelado, já não tinha plena certeza de poder controlar meus pensamentos, e o medo trouxe um tétrico arrepio por todo meu corpo. Meu companheiro de aventura, com os joelhos encostados ao chão, ergueu seu braço esquerdo apontando para a escuridão sepulcral da floresta.

— Ele está lá, eu sei, ele está lá! — Disse ele em voz muito baixa.

Talvez tomado pelo devaneio do empirismo, uma teoria do conhecimento que afirma que o entendimento vem apenas, ou principalmente, a partir da experiência sensorial onde o imaginativo pode ser real, meu amigo tenha explicitamente tentado contatar algo que particularmente eu não havia visto.

O vento se fazia cada vez mais forte, as árvores do bosque balançavam em um pernicioso balé macabro, a chuva que já era deveras forte e agora vinha acompanhada de trovões. Os raios que se precipitavam no escuro céu jogavam fochos de luz no sombrio vale, estávamos em meio a uma nefasta tempestade.

Mas nada abalava de Estebam sua convicção.

— Eu sei, eu já vi. Ele está nos observando! — Dizia ele.

Aquela situação me deixava aflito, quantos morrem com o desespero na alma, convulsionados pelo horror dos mistérios que não querem ser revelados. Algumas vezes a consciência humana geme sob o peso de um horror tão profundo que só a morte pode aliviá-la desse macabro fardo, livrar-lhe deste maléfico destino.

Creio que o pavor que tomara conta de minha alma fazia-me imaginar o lóbrego negrume do horrendo vale ainda maior. E aos archotes dos relâmpagos, imaginava eu, criaturas da escuridão a movimentar-se por entre as descomunais árvores. Era como o mais diabólico dos pesadelos.

Estebam estava indiferente ao que se passava ao seu redor, parecia estar conectado espiritualmente com aquele ao qual buscava, tão forte era sua convicção que havia algo ali, fato este que eu já estava também quase a crer.

Estaríamos nós passando por uma experiência espiritual?

Que poder sobrenatural estaria oculto naquele vale?

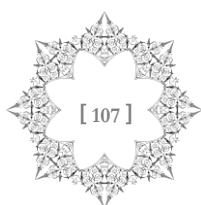
Seria talvez o momento em que o espírito eletrizado ultrapassa tão prodigiosamente as suas faculdades ordinárias que a ingênua e sedutora divisa de realidade e fantasia torna-se tênue e frágil.

Segurei o velho amigo pelo braço na intenção de tirá-lo daquele tenebroso local, mas foi em vão, seu corpo tombou para trás deitando-se na molhada relva sem que seu braço deixasse de mostrar a escuridão a frente. Senti como se o espírito do velho amigo estivesse a enfraquecer, como a luz de um candeeiro prestes a extinguir-se. Deitado ao chão sobre as folhas molhadas pela chuva que ainda caía, seu braço esquerdo erguido seguia apontando para o fundo da mata.

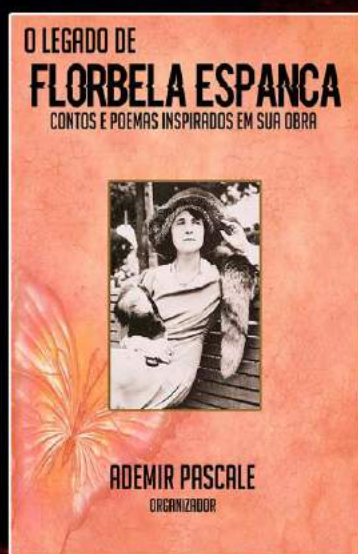
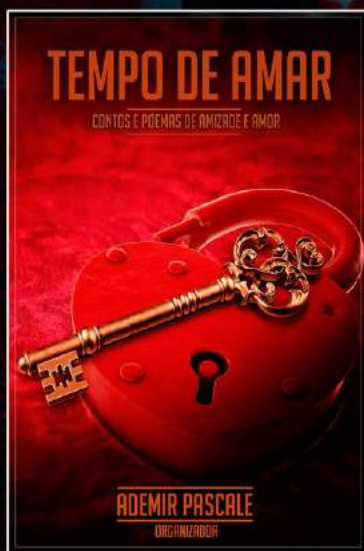
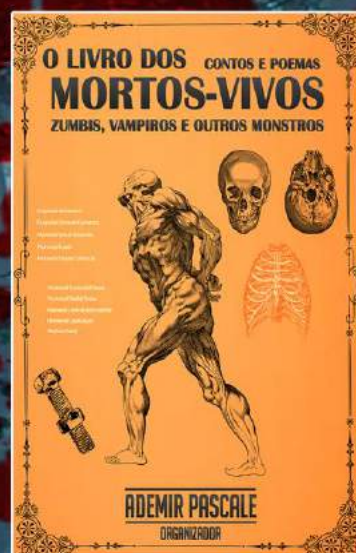
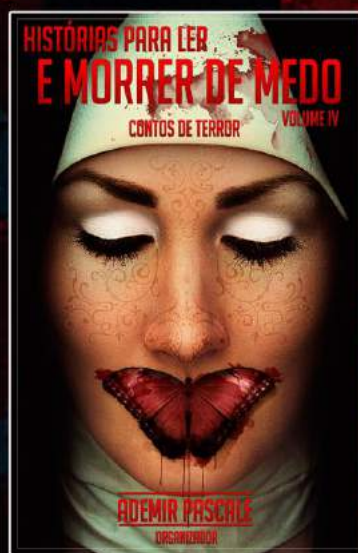
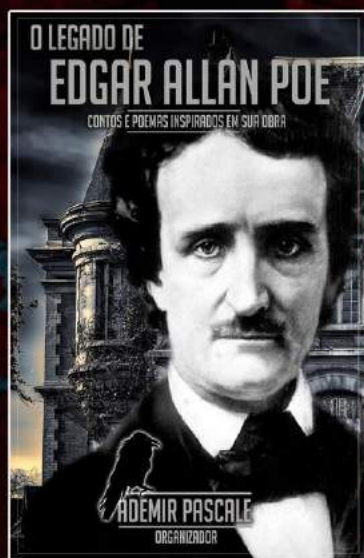
— Não, não estou sonhando. Está ali. Ele existe! — Dizia ele

Seu decrépito corpo foi lentamente ficando sem movimento em meio as folhas soltas que voavam ao intenso vendaval, a vida se esvaiu como um sopro ao vento. Sem saber o que fazer saí desesperadamente a correr para longe do vale, estarecido e sem olhar para trás, mesmo podendo com infalibilidade dizer que talvez algo apavorante me seguia.

Ainda assim retorno a Londres sem poder afirmar ser Basajaun uma lenda ou uma misteriosa criatura.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI